



**Verónica Sofia
Guimarães Gomes**

SENTIDOS
Projeto editorial de um livro de poemas de Nuno
Guimarães



**Verónica Sofia
Guimarães Gomes**

SENTIDOS
**Projeto editorial de um livro de poemas de Nuno
Guimarães**

Projeto apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Editoriais, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Cristina Matos Carrington da Costa, Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro e sob a coorientação científica da Mestre Ana Miriam Duarte Reis da Silva, Assistente do 1º Triénio da Escola Superior Aveiro Norte – Universidade de Aveiro.

o júri

presidente

Prof. Doutor João Manuel Nunes Torrão,
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro

vogais

Prof. Doutora Ana Isabel Barreto Furtado Franco de Albuquerque Veloso,
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (arguente)

Prof. Doutora Maria Cristina Matos Carrington da Costa,
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (orientadora)

agradecimentos

Ao Nuno Guimarães...
este projeto só faz sentido com a tua escrita cheia de sentidos

A um amor especial.... o incondicional da família...
pais, irmãos e avós

Ao amor ...
obrigada por estares sempre presente, mas principalmente pela tua força e
entusiasmo

À amizade...
amigos de longa data, de curta data, velhos amigos, novos amigos, amigos
para sempre... retemperadores de energia e ânimo

Ao carinho, dedicação e apoio com que abraçaram o projeto...
Professora Cristina Carrington (orientadora) e Professora Miriam Reis
(coorientadora)

E a todos os que deram sentido ao *sentidos!*

palavras-chave

Edição, Estudos Editoriais, Poesia, Fotografia, Audio, Artefacto

resumo

Pretende-se com o presente relatório apresentar o projeto editorial do livro *sentidos* – um livro de poesia de Nuno Guimarães.

sentidos é um livro para além do livro, na medida em que foi concebido tendo como principais motivações a admiração pela escrita poética de Nuno Guimarães e a temática dos sentidos.

Um cd-audio com a locução da totalidade dos poemas, um livro de fotografias, o acesso privado a uma entrevista com o autor e o livro em si com um formato próprio, são características que fazem deste livro um artefacto artístico com características diferenciadoras e singulares.

keywords

Edition, Editorial Studies, Poetry, Photography, Audio, artefact

abstract

The intention of this report is to present the editorial project of Nuno Guimarães book - *sentidos* - a poetry book.

sentidos is a book beyond the book as that it was done taking into account my admiration for Nuno Guimarães writings and the thematic of senses.

An audio-cd (with the locution of all poems), a book of photographs, a private access to an interview with the author and the book itself, are aspects that make this an artistic artefact with unique and differentiating features.



Índice

1. Introdução geral	1
1.1 Apresentação do projeto	1
2. Metodologia.....	2
2.1. Poesia.....	3
2.2. Fotografia.....	28
2.3. Entrevista com o autor.....	29
2.4. Locução	37
3. Design Editorial	38
3.1. Processo.....	38
3.2. Opções gráficas.....	39
3.3. Estrutura	40
3.4. Livro de fotografias e livro de poemas	43
3.4.1. Livro de fotografias	44
3.4.2. Livro de poemas	51
4. Considerações Finais.....	62
5. Referências bibliográficas	64
6. anexos	67

Índice de figuras

Figura 2- estrutura geral.....	40
Figura 3 – estrutura geral – sem livros	41
Figura 4- estrutura geral – sem livros e com CD-Audio.....	41
Figura 5 - imagem CD-Audio	42
Figura 6 - estrutura geral - dimensões.....	43
Figura 7 - imagem do poema o sopro do silêncio.....	44
Figura 8 - imagem do poema temporariamente.....	44
Figura 9 - imagem do poema madrugada.....	45
Figura 10 - imagem do poema miúda de vermelho	45
Figura 11 - imagem do poema beijos-caramelo	45
Figura 12 - imagem do poema pés descalços	46
Figura 13 - imagem do poema o infinitamente azul.....	46
Figura 14 - imagem do poema jantar	46
Figura 15 - imagem do poema beijo	47
Figura 16 - imagem do poema fio	47
Figura 17 - imagem do poema estou sentado	47
Figura 18 - imagem do poema mesmo proibido	48
Figura 19 - imagem do poema louco	48
Figura 20 - imagem do poema pintando a primavera.....	48
Figura 21 - imagem do poema cor-de-laranja.....	49
Figura 22 - imagem do poema amarelo.....	49
Figura 23 - imagem do poema vermelho	49
Figura 24 - imagem do poema cinzento	50
Figura 25 - imagem do poema verde.....	50
Figura 26 - imagem do poema azul	50
Figura 27 - poema o sopro do silêncio.....	51
Figura 28 - poema temporariamente	52
Figura 29 - poema madrugada.....	52
Figura 30 - poema miúda de vermelho	53
Figura 31 - poema beijos-caramelo	53
Figura 32 - poema pés descalços	54
Figura 33 - poema o infinitamente azul.....	54
Figura 34 - poema jantar	55
Figura 35 - poema beijo	55
Figura 36 - poema fio	56

Figura 37 - poema estou sentado.....	56
Figura 38 - poema mesmo proibido	57
Figura 39 - poema louco	57
Figura 40 - poema pintando a primavera	58
Figura 41 - poema cor-de-laranja	58
Figura 42 - poema amarelo	59
Figura 43 - poema vermelho	59
Figura 44 - poema cinzento	60
Figura 45 - poema verde.....	60
Figura 46 - poema azul	61

1. Introdução geral

O relatório de projeto final do Mestrado em Estudos Editoriais inicia-se com a apresentação do projeto editorial do livro *sentidos* – um livro de poesia de Nuno Guimarães e da metodologia utilizada para a sua concretização. O processo de conceção de um livro de poemas e de um livro de fotografias, a apresentação de uma entrevista ao autor, disponível *online* através de um *qr code* e a locução dos poemas, pela voz de um profissional.

Numa segunda parte, são explicadas as opções gráficas tomadas e os procedimentos levados a cabo em termos de design editorial.

Por último, são tecidas algumas considerações pessoais e técnicas e mencionadas as referências bibliográficas.

1.1 Apresentação do projeto

Pretende-se com o presente relatório apresentar o projeto editorial do livro *sentidos* – um livro de poesia de Nuno Guimarães.

sentidos é um livro que pretende ser um livro para além do livro, na medida em que foi concebido tendo como principais motivações a admiração pela escrita poética de Nuno Guimarães e a temática dos sentidos.

A conceção e posterior desenvolvimento desta ideia resultou na definição de características que quisemos diferenciadoras, e que iriam orientar o desenrolar do projeto: a complementaridade do texto poético com os elementos audio, com as escolhas fotográficas, com a entrevista exclusiva ao autor, acessível através de um *qr code*; em suma, um livro que respondesse à premissa de Simões e Tiedemann que defende que “em todos os objetos que percebemos visualmente, o que mais nos chama a atenção e o que nos parece mais importante é a sua forma“ (1955: 104).

2. Metodologia

O projeto iniciou-se com a conceção teórica de um livro que rompesse com formato típico de um livro de poesia e que possibilitasse, por um lado, uma maior interação com o leitor e, por outro, um alargamento do tipo e número de pessoas a que este pudesse chegar.

Durante todas as fases do projeto, houve uma permanente troca de ideias e de impressões com o autor, que as foi aprovando, à medida que elas iam surgindo.

Após delineada a estrutura do livro, a fase seguinte correspondeu ao processo de seleção dos poemas inéditos, produzidos pelo autor e ainda não editados.

Uma vez concluída a fase de seleção dos poemas a integrar no livro, havia que conceber a proposta visual de estruturação de conteúdos.

A estrutura de *layout* teve, por um lado, o propósito da exploração de um artefacto artístico que conduzisse à interação com o potencial leitor e, por outro, a preocupação em construir uma estrutura física que englobasse os diversos materiais: livro de poemas, livro de fotografias, cd-audio.

Estes materiais físicos e a ponte com o digital, conseguida através de um *qr code* impresso na estrutura do livro que permite a descoberta de mais um conteúdo exclusivo do livro: uma entrevista com o autor, complementam-se e interligam-se numa simbiose de sentidos que se pretendem despertar.

Pretende-se com a realização de uma estrutura base simples remeter de forma metafórica para a forma de escrita do autor - simples, cuidada e extremamente imagética.

Não só o *layout*, as cores, a disposição dos conteúdos, que se interligam, como a interação com o utilizador foram preocupações sempre presentes ao longo do desenvolvimento do projeto.

2.1. Poesia

A conceção do livro de poesia iniciou-se com a seleção dos poemas inéditos do autor. Foram lidos e analisados 82 poemas, disponíveis até ao dia 07 de fevereiro de 2012 no *blog* <http://minha-gaveta.blogspot.com/>, e que se inserem na etiqueta “inéditos”. Procurou-se ordená-los de uma forma genérica, de acordo com algumas temáticas, nomeadamente: sentidos, amor, saudade, natal, solidão, cidades, cores, estações do ano e épocas festivas, *untitled* (aqueles que não se inserem em nenhuma das categorias anteriores). Foram atribuídas cores a cada uma das temáticas de modo a associar a leitura visual dos poemas de cada categoria.

No seguimento de alguns trabalhos académicos que desenvolvi sobre a temática dos sentidos e por um particular interesse nesta matéria, optei por eleger esta categoria (a dos sentidos) para tema de trabalho do projeto.

Desta forma, o projeto objeto livro que elaborei pretende ser, mais do que um repositório de textos e imagens, um artefacto artístico que envolve e desperta os sentidos.

Vejamos os 20 poemas selecionados:

o sopro do silêncio

o sopro do silêncio apaga
vagarosamente, as lembranças do teu olhar
brisa suave que se cheira
que se sente como afago de dedos
que deixo descuidadamente entrar
para me roubar
a paz
e me matar
a vontade de dormir
o sopro do silêncio veste
vagarosamente, os meus olhos de sal
esfria-me o sangue
e dói-me o gelo que aos poucos
me rasga as veias
dilacerando sem dó o coração
o sopro do silêncio tem um cheiro
de flores desmaiadas
tem as cores das primaveras adiadas
que se perdem estupidamente por aqui
quando, desesperadas
procuram vagarosamente por ti

temporariamente

temporariamente

a brisa entrou pela janela do meu quarto

soprou os papéis que tinha na alma

baralhando a ordem e o tempo da vida

temporariamente

a casa encheu-se de imagens tridimensionais

com eixos quase reais

que trouxeram cheiros, medos e ruídos

temporariamente

ponho a mesa

e encho os copos com sumo de laranja

sem ninguém para o beber

temporariamente

engano vontades com sonhos impossíveis

abro e fecho portas como se houvesse gente a passar

sorrio com palavras que ecoam pela casa

sem bocas para as dizer

temporariamente

acendo incensos que nem chegam a arder

imagino perfumes exóticos

ainda não inventados, com as cinzas a gemer

temporariamente

conto uma história para te adormecer

num quarto que nem sequer existe

numa cadeira que balança

no cabo que atravessa a minha memória

eu, equilibrista, sem rede onde cair

temporariamente

invento princesas e dragões

invento noites com as horas todas de luz

invento passos de pés muito belos

invento flores

invento cores

invento gargalhadas enfeitçadas

por bruxas que se fingem apaixonadas

temporariamente

invento-me aí

aqui

madrugada

cheiros de piano que toca sozinho
com teclas dormindo um sono divino
as cordas de mel de um violino
gemidos suaves pingando o destino
a luz dos teus dedos mostrando o caminho
sorrisos que escorrem em som cristalino
palavras que escreves com um só olhar
e a lua sem brilho, num céu a esperar
a rua vazia por ser madrugada
a casa cinzenta, desapaixonada
teu corpo dançando em palco de fogo
teus pés apagando sinais da estrada
as mãos vão tremendo em terríveis danças
por eu lhes trazer as tuas lembranças
o frio pousado na cama deserta
e a alma voando para parte incerta
de olhos fechados para não ver nada
guardo inquieto a tua chegada

miúda de vermelho

encontrei atrevido
cheiro de chupa-chupa de morango
vermelho escorrido
sofregamente lambido
vapor de saliva adocicada
fluído que me invade a mente
e se escoia distraidamente
nos meus passos que se retardam
ao vê-la
sentada
infantilmente apalermada
com lábios de um vermelho bandido
que nos assalta o olhar
miúda de mini saia
provocação abundante
língua brincando com chupa-chupa de morango
trechos de fandango
provocante
blusa esvoaçante
com um vermelho destemido
revolucionário
revolucionando a avenida
até ali, esquecida
sem chupa-chupas de morango
entrando, saindo, numa boca de menina erotizada

beijos-caramelo

às vezes o virtual visita-me
chega tentador, em corpo de mulher
e instala-se na minha pele
com um sorriso lindo
faz-me cócegas com as palavras que me diz
passeia os dedos que me parecem reais
pelo cabelo
para depois me roubar tesouros
que tenho escondidos nos olhos
apontando-me ao peito
a arma mortífera da saudade
fica por aqui
e deixa-me gastar tempo real com ela
falando de coisas pequenas sem importância
e, às vezes
da importância das pequenas coisas
que concluímos serem quase sempre virtuais
hoje trouxe também beijos com sabor a caramelo
que repeti à colherada
gulosamente
derretendo-os na boca
fundindo-os depois nos sonhos
que adoçarão as minhas horas de dormir
às vezes o virtual visita-me
em corpo de mulher
sorriso lindo
e beijos com sabor a caramelo
fica por aqui, por pouco tempo
como a Cinderela
sai antes da meia-noite, a correr
e eu deixo-me morrer

de volta ao mundo das pequenas coisas
de volta ao mundo real
das coisas
muito, muito pequenas

pés descalços

perdi-me nos teus pés descalços
delicadamente desnudados
posando para os meus olhos
deixei-me enlevar pelos teus dedos
que em movimentos ritmadamente pequenos
empurram os segundos do meu tempo
habitualmente amargo e longo
hoje, em mel espesso, escorrendo eroticamente
da cadeira onde os teus pés se pousam
tentei anotar detalhes
as linhas desenhadas pela graciosidade de uma dança
em pontas
adivinhar as marcas por eles deixadas
numa tela de areias espalhadas
pela excitação do mar
e deixar-me imaginar
que podiam ser esculturas ou retratos
instalações soberbas
um quadro de pintor famoso
em exposição permanente
no museu de arte contemporânea do corpo
mas
são simplesmente os teus pés que aqui tenho
posando para os meus olhos
lindos, assim descalços
em despudorados movimentos
hipnoticamente lentos
que fingi serem só para mim

o infinitamente azul

o infinitamente azul chegou, devagar
podia ser luz
ou os teus olhos
diluídos nos sentidos
que se enfraquecem no tempo
podia ser, quem sabe, o mar
gemendo na praia que foge
por dentro de uma ampulheta
podia ser... o céu onde me perco
procurando a tua estrela
que (de)cadentemente se esvai
o infinitamente azul chegou, devagar
como uma fatalidade absolutamente normal
que vem roubar
de uma forma absolutamente casual
o sopro do teu respirar
do meu cabelo curto e ligeiramente nevado
podia ser um sorriso meu
simples, tímido, singelo
que, à noite, se rasga com o tropeçar
no destino que nos faz mudar de cor
o infinitamente azul queria definitivamente ficar

jantar

ao jantar
serviste-me com a sopa
sorrisos prometedores
ares de mulher convencida
com laivos de atrevida
colheradas de conversa
desinteressante, banal
vinho branco disfarçado
em goles de gargalhadas
as tuas mãos alheadas
numa toalha normal
depois, um prato escolhido
partilhado por lembranças
que foi sendo arrefecido
pelas palavras sem sal
ditas, dispersas, sem tacto
estilhaçaram-se os copos
empenaram-se os talheres
que em retirada estratégica
deixaram-se cair ao chão
como migalhas de pão
ou restos de coração
partido em mil pedaços
a sobremesa já fria
(tarte quente de maçã)
veio tarde, sem magia
como a tua invernã
que puseste com mestria
naquela mesa fatal
onde o jantar foi servido
num restaurante esquecido

numa toalha normal
não houve café no fim
sobraram restos de mim
em gorjeta mal contada

beijo

beijo falso, ciumento:

dado com raiva e poder.

para quem o vai receber,

tem sabor não desejado.

beijo por vezes roubado,

mesmo antes de morrer.

beijo terno, carinhoso:

tocado ao de leve na testa,

de quem chora por amor,

oferecendo uma fresta

de luz, esperança e calor.

beijo nos lábios, sincero:

sinal duma despedida,

sem destino, sem razão,

deixando a alma perdida,

nas garras da ilusão.

beijo sensual, erótico;

corpos que falam, que brincam

mãos que suam, mãos que abraçam,

mãos que tocam, mãos que sentem

mãos que raramente mentem,

mãos que sobre ti deslizam.

fió

“A Chinese proverb says an invisible red thread connects those destined to meet, despite the time, the place, despite the circumstances. The thread can be tightened or tangle, but never be broken.”

e um só pássaro de fogo voava
um só fio vermelho transparente
no bico
flutuava
era o desenrolar da minha alma
que em novelo
vivia, ao lado do coração
linha de sangue
indelével
esvoaçante
ondulante, no vento que não tem norte
mas com sorte
tem tempo, como o mar
em imensidão
um só pássaro de fogo
voava
um só fio vermelho
flutuava
inquebrável
e, inevitável
(reparei)
na outra ponta
estava a tua mão...

estou sentado

escolhi uma música triste
e sentei-me
pus em mim uma roupa triste, negra
e sentei-me
deixei entrar as minhas memórias de ti
e sentei-me
esperei, cinzento
por um milagre
que mudasse a cor do meu dia
e sentado
a alma foi escurecendo aos poucos
pela música triste que escolhi
pela roupa triste que vesti
pelas memórias de ti
que descuidadamente
deixei entrar dentro de mim
a alma escurecendo aos poucos
engoliu o teu sorriso
que teimava em espreitar
nos meus olhos escuros
eles, sentados
esperavam cansados pelos teus
olhos claros
esperançados
em mudar a cor sombria
sentada no meu dia

mesmo proibido

mesmo proibido, senti a tua mão de fugida
passando clandestina pela minha, já esquecida
de sentir nela a bater um coração
mesmo proibido, timidamente usei palavras que tu gostas
em frases que foram deslizando pelos passos que gastamos
numa avenida quente de Tóquio
comendo sushi imaginado
com pauzinhos enfeitados de sorrisos
e sabor que por ti foi desejado
mesmo proibido, passeamos num jardim onde as flores
eram todas com as cores que tu preferes
cor do céu que nos abriga
cor da noite que nos mata
cor do nada que vai consumindo aos poucos
as palavras que resistem dentro do peito
bebi em goladas “the smooth”, a tua utopia
e mesmo proibido, sentado a um palmo de ti
apanhei com os meus dedos uma lágrima tua
em fuga da alma que sofria
numa avenida quente de Tóquio
forjado
deixei o beijo proibido que me deste
ser verdadeiro
ser eterno
e ficar nos meus lábios docemente tatuado

louco

quando queria, punha-se louco!
o espelho, de manhã
via-o a desgrenhar o cabelo
e do café tirava a água
saboreando colheres de pó
cantando o noticiário
lavava-se com uma toalha branca
que tinha bem desenhado
um coração encarnado
secava-se deslizando na banheira
em tempo ilimitado
saía de costas de casa
caminhando acertado
na direcção oposta ao emprego
e via no muro da esquina
um coração encarnado
desbotado
pelos dias que se deixava ser louco
no céu voavam crianças
penduradas em balões
com forma de corações
por acaso, encarnados
sorriam-lhe com as orelhas
diziam adeus com os pés
e ao som de grafonola
seguiram apaixonados
tendo destino a escola
quando queria, punha-se louco!
de passo rouco
arrastado, um pouco
encontra no jardim o baloiço

onde nos dias
que lhe apetece ser louco
deixa um coração cheio, grande, apaixonado
a oscilar
entre o negro e o encarnado

pintando a primavera

gotas pinceladas, amarelos
pingando os chãos planos, ao acordar
os verdes, pouco a pouco vão arribando
às árvores que se vestem devagar
os lagos em azuis vão-se aquecendo
para à noite a lua vir e se banhar
as linhas dos arados são as pautas
com notas de cegonhas semeadas
os ventos avisando as chegadas
com assobios mornos, muito a medo
o céu que já deixou de estar só triste
surgiu-me bem vestido à janela
tem barba por fazer de poucos dias
em tufos de alabastros, sem maneiras
onde se esconde o sol envergonhado
sorrindo para mim, em brincadeiras
e nesta estrada que é
sempre cinzenta
unindo as estações
que são do ano
vou eu pintando leve, a primavera
numa cadência quente e repetida
acomodando na viagem a demora
dum movimento que tenho em espera
rondando os 100 km por hora

cor-de-laranja

depois dum curto delirar
liberto aqui, neste poema
a cor da lua apaixonada
fundamentada em teorema
de três palavras e um dilema
que escrevo neste versejar
a cor que pinto como charada
e com palavras em desatino
deixa perfume de citrino
uma acidez mal acordada
deixa um perfil bem feminino
beijando o mar na madrugada
tonalidade descascada
por faca doce de luar
traz a fragrância que se arranja
em matiz nova, cor-de-laranja
nascida aqui para te dar

amarelo

eu durmo em lençóis de girassóis
amarelos com sorrisos rotativos
as pétalas mantendo-se brilhantes
entontecem as almas dos passantes
que lançam seus olhares mais afectivos.
aqueles amarelos ondulantes
que drogam em brisa meus sentidos
quando chegas, ficam loucos e perdidos
surpresos sob airoso céu azul
repudiam o antigo movimento
passam a girar, mesmo sem vento
em volta do sol que tu possuis

vermelho

vermelho é fogo aceso
mesmo junto ao coração
por um amor madrugada
numa espera cansada
transbordando sedução.
luz do sol ao apagar-se
no mar de lamentação
ondas coral, agitadas
espumas desesperadas
buscando a tua razão.
gotas de sangue espalhado
por ferida sem sarar
cicatrizante esperado
em tempo quase esgotado
no beijo que tens p'ra me dar

cinzento

cinzentos são os meus sonhos
distantes do verbo amar
são recortes (des)organizados
em alma por se encontrar
as cinzas dos pensamentos
acumulados em tempos
perdidos e por contar
enfileiram na parada
da memória acinzentada
traída por vão sonhar.
aguardam sono agitado
no corpo mal descansado
sem cama onde agarrar
e em posição militar
esperam sinal velado
da ordem pr'atormentar

verde

verde

cor gritante em terra firme
acabada de lavrar
primavera mal pintada
no inverno por chegar
gotas de orvalho, lágrimas
sinais de estação perdida
o outono, em despedida
sem tempo para ficar.
choro de cor, sentido
borrão de pincel caído
em tela por acabar

azul

azul

pedaço de céu não nublado
recortado sem chover
esperança não perdida de te ter
quando o azul escurece devagar.
pintado o anoitecer,
perde luz, sem se importar
sem esperar cheia lua
(como a tua)
que nos meus olhos pousada
fica sorrindo parada
mantém-se acordada, a brilhar...

2.2. Fotografia

As imagens que integram o livro de fotografias foram realizadas recorrendo à técnica de fotografia macro que permite capturar pormenores que normalmente passam despercebidos.

Antes da realização das fotografias, os poemas foram objeto de várias leituras para perceber as possíveis interpretações e desconstruções. Obviamente sujeitos à análise pessoal, foram apontadas algumas ideias de potenciais fotografias para cada um dos poemas. Como nem sempre foi satisfatória a correspondência entre idealização teórica e a conceção da fotografia, o processo teve de ser repetido tantas vezes quantas as necessárias até se atingir o resultado pretendido.

De forma a explicar o processo de construção da fotografia, apresentam-se algumas imagens (1, 2 e 3) realizadas para o poema “o sopro do silêncio” tendo sido selecionada a imagem 4. para o ilustrar.



1.



2.



3.



4.

2.3. Entrevista com o autor

A entrevista com o autor obedeceu a um guião base, previamente elaborado, e foi conduzida informalmente, num discurso próximo e aberto com o autor.

A totalidade da entrevista, com cerca de 1h30, foi editada e encurtada por forma a que o ouvinte não perca o interesse. O resultado final é de 17 minutos.

A entrevista foi realizada no estúdio da empresa QUECENA - produções audiovisuais com a utilização de duas máquinas de filmar e microfones de lapela e posterior edição no programa de edição de vídeo *Adobe Premiere*.

O acesso à entrevista, disponível online, é feito através do seguinte *qr code* (impresso na estrutura do livro):



Apresenta-se, de seguida, o guião base da entrevista ao autor Nuno Guimarães:

INTRODUÇÃO

Nuno Guimarães

Moçambicano, nascido na cidade de Lourenço Marques, agora Maputo, em 1960. Na cidade do Porto, para além de se licenciar em Engenharia Civil, esteve ligado a alguns projetos culturais. Colaborou pontualmente com o jornal *Primeiro de Janeiro* e teve um programa sobre basquetebol na Rádio Clube de Matosinhos - modalidade desportiva à qual dedicou muitos anos da sua vida, quer como jogador, quer como treinador.

PERGUNTAS

1. Quando é que surgiu o teu "encontro" com a escrita?
2. Daí resultou a tua primeira publicação *Encontros, Desencontros e Contradições* (1998), uma Edição de Autor?
3. Passados nove anos surge *Rio que corre indiferente* (2009), Editora Temas Originais". A viveres já na Lituânia, esta 2ª publicação é fruto da distância que separa os dois países?
4. Como é que aconteceu a tua ida para a Lituânia? Foi algo planeado?
5. Em termos pessoais, como é que se consegue gerir este distanciamento? Da família, dos amigos, das gentes e terras que marcam a nossa identidade e de que forma os teus projetos culturais, na Lituânia, são fruto desta necessidade de interligação das duas culturas?
6. Até ao momento desta entrevista, tens sete livros de poesia publicados e um generoso número de poemas ainda por publicar.
Sendo a tua escrita marcadamente saudosista, nostálgica e impregnada de sentimentos tão intensos com os quais facilmente o leitor se identifica e

reconhece, se escolhesses uma cor como metáfora para os teus poemas, qual seria e porquê?

7. Numa entrevista à Rádio Renascença, é referido que "A cultura, pode bem ser o melhor cartão de visita de um país. (Nuno Guimarães em entrevista à Radio Renascença, 02 de março de 2012) ". Qual o teu olhar sobre a cultura portuguesa e lituana?

OUTRAS QUESTÕES A DESENVOLVER NO DESENVOLVER DA ENTREVISTA

Nasceste em Maputo. Estavas lá porquê?

Porque vieste para Portugal?

Fala-me dos teus livros...

Pensas voltar (definitivamente) a Portugal?

Qual a ponte que unifica esta união Lituânia-Portugal?

O que falta fazer (continuar a fazer) para que estes países se encontrem mais amiudadamente?

Qual o teu maior sonho?

Passemos ao texto da entrevista realizada a 24 de agosto de 2012, posteriormente editada e que pode ser visualizada através do *qr*code referido anteriormente:

Eu penso que quase toda a minha vida não foi planeada, tudo tem acontecido um pouco por acaso e isso é interessante, não sei se tem a ver um pouco com o meu perfil de vida.

Na altura havia muitos portugueses que se deslocavam para as ex. colónias. O meu pai foi colocado em Lourenço Marques e foi por isso que acabei por nascer nesse país. Acabámos por vir antes da independência por causa de uma história interessante. Quer eu quer o meu irmão éramos alérgicos às acácias. A acácia é uma árvore que povoa todas as ruas em Lourenço Marques, atual Maputo, e a médica pediatra, achou que seria melhor não continuar a viver em Lourenço Marques, em Moçambique, uma vez que não havia na altura qualquer medicamento que evitasse a alergia (regressei a Portugal com 10 anos).

Sempre gostei muito de escrever. Rasguei muita coisa, não guardei. Fiz uma pequena experiência na escrita, há muitos anos atrás, com um livro de poemas em que o meu filho mais velho foi o ilustrador; foi, portanto, um projeto feito, mais ou menos, às escondidas, entre os dois, pois era uma surpresa que queríamos fazer à família como prenda de natal. A partir daí, e ao ver o material que escrevia impresso (ao veres qualquer coisa que fazes, poderes tocar, ser palpável) sentia uma sensação muito gratificante, muito interessante. Essa foi a primeira experiência. Depois houve um interregno mais ou menos importante, mas poderei dizer que foi nessa altura que tive consciência de que gostava de escrever e que gostava fundamentalmente de ver as minhas coisas escritas em papel, em livro, e isto foi por volta de 1998.

O *rio que corre indiferente* surge um pouco também por acaso. Uma amiga minha leu alguma da poesia que eu na altura escrevia e convenceu-me. Ela própria enviou os meus poemas para o editor que aprovou a publicação; penso que todos os escritores passam um pouco por essa dificuldade, que é a de tomar a decisão de publicar, e nomeadamente poesia, porque a poesia tem muito de íntimo, é muito pessoal. Nós acabamos por mostrar a nossa alma quando escrevemos.

Essa minha amiga achava que a minha poesia tinha algum valor, que devia ser lida por outras pessoas e não ficar encerrada na gaveta e, assim me convenceu, tendo nascido então o meu primeiro livro.

A distância, onde me encontro ainda a trabalhar, entre os dois países é realmente grande, as saudades, as lembranças de Portugal e também as vivências todas que vou tendo na Lituânia permitiu e tem-me permitido criar toda esta escrita, que resultou já em vários livros.

Eu sou Engenheiro Civil de formação, e costumo dizer que sou ex. Engenheiro Civil, neste momento. A primeira abordagem à Lituânia foi em férias. Depois, nessa visita de férias, verifiquei que a Lituânia, naquela altura, apresentava uma séria de condições de trabalho para desenvolver a minha atividade profissional, nomeadamente na área da reabilitação de edifícios e monumentos antigos. É um país muito rico e ainda hoje necessita de alguma intervenção e de alguns estudos nessa área e eu achei que poderia ser útil àquele país. Costumo dizer que não há nada mais belo do que um edifício destruído, não construído, porque quando se vê algo destruído consegue-se colocar a imaginação a funcionar em dois sentidos: primeiro a imaginar como era e, uma segunda vertente, a imaginar o que se pode fazer daquilo. Esta estratégia da abordagem do próprio edifício permite ser um pouco poeta e um pouco sonhador e permite criar histórias em torno do edifício. Eu acredito que esta minha vertente mais poética já era visível na abordagem da engenharia que eu fazia. Fiz ainda algumas obras na Lituânia como engenheiro, e verifiquei que o país oferecia e estava ávido de obter informação sobre Portugal. Ao mesmo tempo, como *hobbie*, comecei a fazer algumas atividades culturais na Lituânia e, começou-se, então, a criar aqui uma alternativa de vida. Primeiro ao dar aulas de Português e Cultura Portuguesa em duas universidades na Lituânia houve uma maior aproximação, e é com muito orgulho que o faço. Eu digo mesmo, e cheguei a dizer a alguns embaixadores, que eu estou na Lituânia um pouco por missão, sinto-me um missionário de Portugal na Lituânia, e isso sinto-o com o entusiasmo que vejo também nas minhas audiências, quer com os alunos, quer mesmo em todas as conferências que vou realizando, todas as apresentações que vou fazendo.

Um bom exemplo foi a última vez que fiz uma conferência, na Lituânia profunda, a um km da Letónia, numa aldeia no fim do mundo, muito longe, onde é difícil chegar. As pessoas não dormiram após a minha apresentação, porque ficaram de tal forma, digamos, fora de si perante aquilo que ouviram e as imagens que eu levei, alguns filmes sobre Portugal, que ficaram desassossegadas. Foi o grande acontecimento de sempre naquela aldeia. Eu acho que todas estas atividades que desenvolvo com os alunos e a população da Lituânia me permite uma maior aproximação de Portugal, porque não há dia em que eu não fale de Portugal e que não tente cativar as pessoas para o nosso País. Eu procuro dar sempre uma imagem muito positiva do País, mostrando tudo o que de bom se vai fazendo, não só em termos turísticos, de imagem, de paisagem, etc. mas também me preocupo muito com a apresentação dos projetos que vão sendo desenvolvidos no País. Tenho duas fases de aproximação a Portugal: uma pública e direta com as pessoas que me ouvem, e outra muito mais solitária em que abordo muito a saudade e que é visível em grande parte da minha escrita, a nostalgia pelo País que está a 3500 km.

É fundamentalmente à noite, e quando começa a escurecer, que restabeleço a minha energia interior para o dia seguinte, mas é um processo muitas vezes doloroso, ou seja, eu acho que a escrita, e isto não são palavras minhas, são de José Luís Peixoto, que tenho o prazer de ser meu amigo pessoal, a escrita já não é... havia o hábito de dizer “ah, tem uma grande inspiração, senta-se e escreve e, qual é a musa que o inspira e...etc”, não é bem isso. É evidente que temos de ter alguma inspiração mas, temos de ter muito trabalho, ou seja, é necessário diariamente dedicar horas à escrita, escrever, sentar, forçar a escrita. É necessário forçar e não quer dizer que saia alguma coisa de jeito. Muitas vezes não sai absolutamente nada. Eu apanho muitas vezes conversas que tenho com pessoas, palavras-chave que me permitem depois à noite trabalhá-las e em torno delas criar uma história.

O azul noite é fundamental para mim. O céu da Lituânia é muito bonito. Apresenta nuances interessantíssimas. Os tons laranjas são muito interessantes. Mas o azul da Lituânia é inspirador, e é a minha cor preferida.

Um dos meus objetivos e tento que isso se concretize, é provar que estamos próximos, portugueses e lituanos. Também costumo dizer que aquilo que nos aproxima é o humor - quando dois povos se conseguem rir da mesma anedota, eles estão próximos, e o humor, penso, é semelhante nos dois países.

Culturalmente, somos dos países mais ricos da Europa. Penso, inclusivamente, que não fazemos tudo aquilo que deveríamos fazer pela nossa cultura. Penso que devíamos defendê-la muito mais acerrimamente, no sentido de atrair interessados na nossa cultura, atrair pessoas para desenvolverem projetos com Portugal. Em Portugal encontras todas as correntes artísticas. Quando os lituanos me dizem “ah eu quero ir a Portugal e quero que me digas o que eu devo visitar”. A minha resposta é, invariavelmente, esta “o que é que tu gostas?” porque em Portugal podes encontrar tudo, quer em termos artísticos, quer em termos de paisagem, portanto, diz-me o que queres e eu faço o percurso que deves fazer em Portugal. E isso é uma riqueza que mais nenhum País tem, incluindo a Lituânia, de que gosto muito, e pela qual eu sou um apaixonado, mas a Lituânia é um país com quase 4000 lagos, é um país plano, é um país com invernos rigorosos, que é muito interessante e de que eu gosto, por causa da neve e das temperaturas baixíssimas. Mas Portugal tem também neve, e tem montanhas e tem mar e tem lagos e tem uma história riquíssima e tem castelos, tem monumentos e tem todas as correntes arquitetónicas, e criámos um estilo novo, o manuelino ...

Acho que deveríamos apostar no turismo cultural.

Temos uma fadista, Joana Amendoeira, que vai todos os anos à Lituânia e que é já muito importante no panorama musical do país, uma vez que é possível ouvi-la na rádio, ou seja, para mim é gratificante, quando vejo que a rádio passa música portuguesa, fundamentalmente fado e neste caso fado da Joana Amendoeira.

A ponte de Portugal para a Lituânia vai sendo feita, embora haja a possibilidade de ser desenvolvida e intensificada. O contrário é um pouco mais difícil. Em março do ano passado realizei em Vila do Conde uma jornada de cultura lituana com a intervenção de vários artistas que vieram cá... nomeadamente, mostrando uma arte que é muito interessante que é a escultura de fogo.

Penso que há este potencial a desenvolver, que é tornar mais conhecidos os aspetos culturais da Lituânia em Portugal. E isso passa provavelmente pela

assinatura de alguns acordos culturais, parcerias, a geminação de cidades, e é isso que ando á procura. Gostaria muito de concretizar e aprofundar o contato entre as duas culturas.

A minha opção profissional e a minha opção de vida não passam pelo regresso definitivo a Portugal. Eu gostava muito de poder intensificar este processo de relações e de relacionamento entre Portugal e a Lituânia. Gostava que fosse possível criar, quer em Portugal, quer na Lituânia estruturas mais consistentes para desenvolver projetos. Gostava muito de poder ter em Portugal e na Lituânia uma galeria, um espaço que se dedicasse lá, à divulgação da cultura portuguesa e cá, à divulgação da cultura lituana. Penso que isto pode passar pela criação de uma associação cultural entre os dois países e espero, muito em breve, que isto possa acontecer. Gostava muito de não perder o contacto com Portugal. O grande objetivo e aquilo que eu gostava mesmo de fazer era, então, criar essas duas estruturas fixas, um espaço e que me permita estar mais tempo em Portugal, viajar mais entre os dois países, trazer para Portugal...

Porque é uma dívida que eu acho que sinto, que tenho para com a Lituânia, eu gosto muito daquele país e apaixonei-me por ele e foi aquele país que me mostrou a Portugal e isso é muito interessante. Há um velho ditado português que diz que “santos da casa não fazem milagres” e, portanto, muitas vezes só quando temos alguma atividade de relevo fora do país é que começamos a ser conhecidos em Portugal. Portanto, eu tenho essa dívida para com a Lituânia. Fui muito bem recebido, as pessoas trataram-me muito bem e eu quero muito que os Portugueses façam o mesmo aos artistas lituanos e ao seu País.

É evidente que tenho alguns sonhos pessoais que passam pela minha atividade na escrita. Eu não gosto muito que me chamem escritor ou poeta, mas escrevo algumas coisas, escrevo alguns textos. Tenho um projeto, que penso concluir este ano, que é o primeiro livro sem ser de poesia, poderei dizer que são textos poéticos, mas é um romance, e também é, no meu entender, uma homenagem à Lituânia, porque através desse romance... é uma história que se passa na Lituânia e eu vou introduzindo toda a minha vivência na Lituânia, todos os costumes da Lituânia... a relação, inclusivamente, com a ocupação russa da Lituânia

A Lituânia é um país que possui muitas lendas, possui uma ligação ainda muito pagã à natureza. Não podemos esquecer que foi o último país que aceitou o catolicismo na Europa e, portanto, ainda existem ali muitas vivências pagãs e as pessoas fazem referências muito interessantes às árvores, ao clima e aos animais, como estes reagem perante determinadas situações. Existem muitos deuses ainda ligados ao mar báltico, ao fogo, e tudo isto é muito interessante, muito mágico.

Eu diria que este livro é um bocado um livro mágico, que poderá vir a revelar aos portugueses estas características da Lituânia.

Um dos meus últimos livros está já em três línguas, em português, lituano e inglês, com a intenção de poder ser apresentado em países de língua inglesa.

Memórias, saudade e sentidos.

A minha escrita é... sentidos.

2.4. Locução

A locução dos 20 poemas selecionados esteve a cargo de Jorge Moreira.

Jorge Moreira (01-04-1950) locutor, jornalista, animador e editor, iniciou a sua atividade com apenas 16 anos na antiga Rádio Universidade, onde permaneceu durante um ano e meio. Em março de 1968, já de uma forma profissional, integrou a equipa da Rádio Clube Português. Posteriormente, colaborou com a Rádio Comercial no grupo RDP - Empresa Pública de Radiodifusão.

De 1969 a 1971 fez parte da Rádio Renascença.

Simultaneamente, trabalhou com a Luso Canal, Rádio Marginal e Rádio Nostalgia. Entre 1990 e 2006 foi locutor e voz off da RTP - Rádio e Televisão de Portugal onde se destacou no programa "O Lugar da História".

Terminou há cerca de meio ano a sua colaboração no *Canal História*, *Biography* e *Odisseia*, cujos programas deixaram de ser dobrados para serem legendados.

Com amplo currículo ligado à Rádio, Televisão e Produtoras Privadas (QUE CENA - produções audiovisuais) e com uma voz inconfundível que preenche, dá corpo e sentido ao *sentidos*, Jorge Moreira foi o locutor convidado a integrar este

projeto, pois as suas características vocais possibilitam uma maior aproximação e identificação do ouvinte com os poemas.

3. Design Editorial

Segundo Martin Salisbury, um livro bem desenhado proporciona uma experiência estética completa, mesmo quando só o temos na mão antes ainda de termos explorado o seu conteúdo. Sendo assim, deverá dar-se especial atenção ao design deste artefacto, desde a capa à composição de página. (cf. SILVA, 2010:70)

3.1. Processo

Desenhar um livro, ou trabalhar uma outra qualquer área do design, é uma tarefa difícil que engloba escolhas de um infinito número de possibilidades e essas opções são determinadas pela subjetividade e criatividade do designer.

No sentido de facilitar esse processo, e para que o projeto resultasse num produto satisfatório, foi necessário estabelecer algumas linhas orientadoras.

Segundo Jan Tschichold, “o formato de um livro (mas também o de todos os outros tipos de publicação, claro) deve ser determinado essencialmente pela sua função.” (HEITLINGER, 2012:6).

Efetivamente, o livro *sentidos* tem uma dupla função. Por um lado despertar os sentidos e, por outro, comunicar. Sendo que “ a comunicação humana é o processo no qual a intencionalidade é criada, dado que a natureza consequencial da comunicação é o lugar da acção, onde a consequencialidade se exprime por diversas conexões que emergem, para serem criticadas, mudadas e /ou abandonadas pelos indivíduos que ao comunicarem realizam as suas intenções.” (LOPES, 2004:17)

Comunicar uma mensagem que pode ser recebida sob a forma de palavras, som, imagens ou, até mesmo, do tato, podendo “descobrir na palavra comunicar a significação de “tornar comum”, “pôr em comum (...) “transmitir”, “dar a outro”, “transferir para a posse de outro aquilo que desde agora passa a ser comum.” (CARVALHO, 1979).

Para além da função, outro conceito orientador foi o de criar uma publicação assente num design moderno, funcional, em que a forma segue a função (princípio do design funcional), que garanta a facilidade no manuseamento, tornando a interação uma tarefa simples e clara.

Através da construção de uma maquete, à escala real, foi possível perceber alguns pormenores essenciais ao projeto, nomeadamente, a forma de colagem do livro de fotografias e poemas na estrutura do artefacto, as áreas de corte, a forma de integração do cd, a localização da ficha técnica, o nome do livro e autor (cf. BARBOSA, 2004).

3.2. Opções gráficas

Todo o ser humano é composto de experiências singulares que influenciam a leitura (visual) que se possui das coisas, do mundo, da realidade. Desenvolver um livro que desperte interesse visual e conduza à interação, por mais básica e primária que seja, é ter em atenção que a informação visual é apreendida de várias maneiras pelo sujeito individual (cf. DONDIS, 1997:19).

As opções gráficas ao nível da disposição dos elementos textuais e visuais, a escolha do tipo de letra, margens e alinhamento do texto foram cuidadosamente pensadas de modo a simplificar a leitura do livro e a facilitar o seu manuseamento.

Formato estrutura geral (largura x altura)	360x210mm
Tamanho livro poemas (largura x altura)	120x210mm
Tamanho livro fotografias (largura x altura)	240x210mm
Margens livro poemas (sup x inf x int x ext)	15x15x30x20
Fonte, Tamanho, Entrelinha para texto	Futura BK, 8pt, 120
Fonte, Tamanho, estilo para título	Futura BK, 8pt, negrito
Alinhamento do texto	esquerda e justificado

3.3. Estrutura

A estrutura deste livro/artefacto, onde assentam os livros de poesia e de fotografia e um cd-audio, não corresponde a um formato estandardizado, nem tão pouco a uma estrutura convencional de apresentação dos conteúdos.

Pretende-se com a figura seguinte ilustrar a estrutura geral, em que o ponto 1 corresponde ao interior da estrutura e onde se insere a ficha técnica. O ponto 2 representa o livro de fotografias onde a contracapa é colada na estrutura e a abertura das páginas se faz para o lado esquerdo. Já o ponto 3 ilustra o livro de poemas, com a mesma forma de colagem e o folhear das páginas acontece para o lado direito.

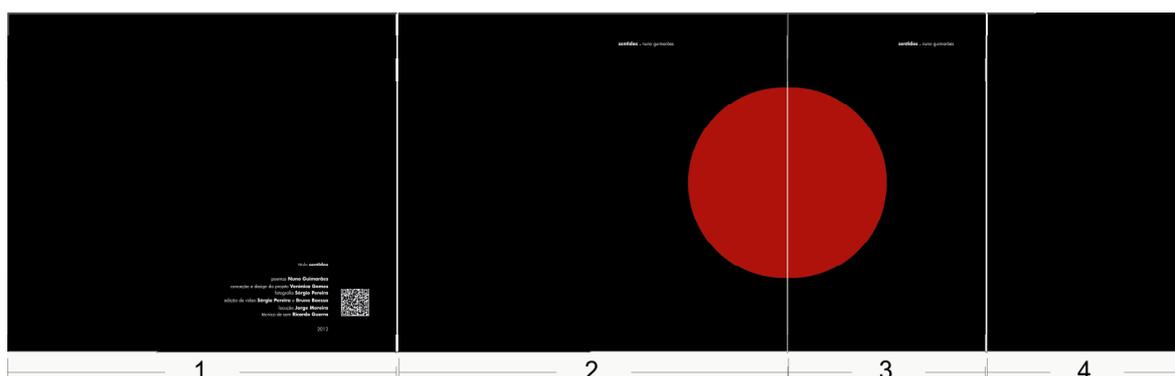


Figura 1- estrutura geral

A imagem seguinte representa a estrutura geral do livro aberto mas sem a inclusão dos dois livros (de poemas e fotografias).

É possível visualizar o espaço destinado para o cd-audio, que ficará por debaixo dos dois livros e tem uma pequena profundidade para encaixe por forma a que tudo fique nivelado.

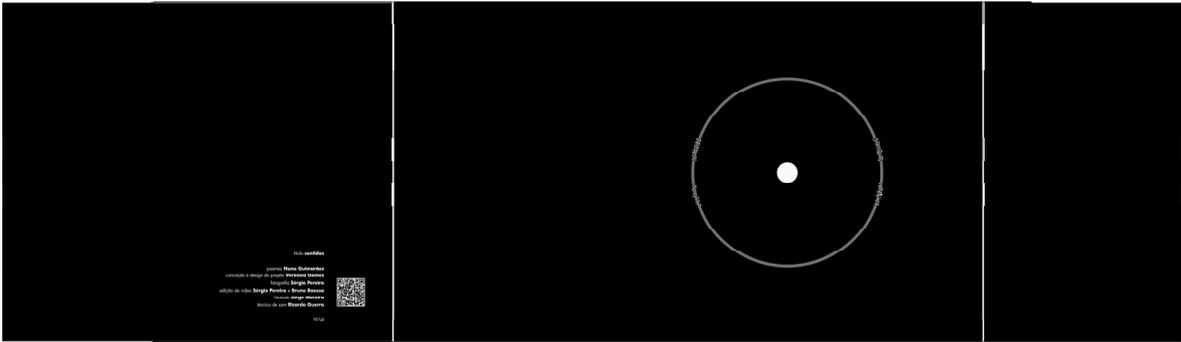


Figura 2 – estrutura geral – sem livros

Apresenta-se também a imagem da estrutura geral, sem os dois livros, mas com a inclusão do cd-audio.

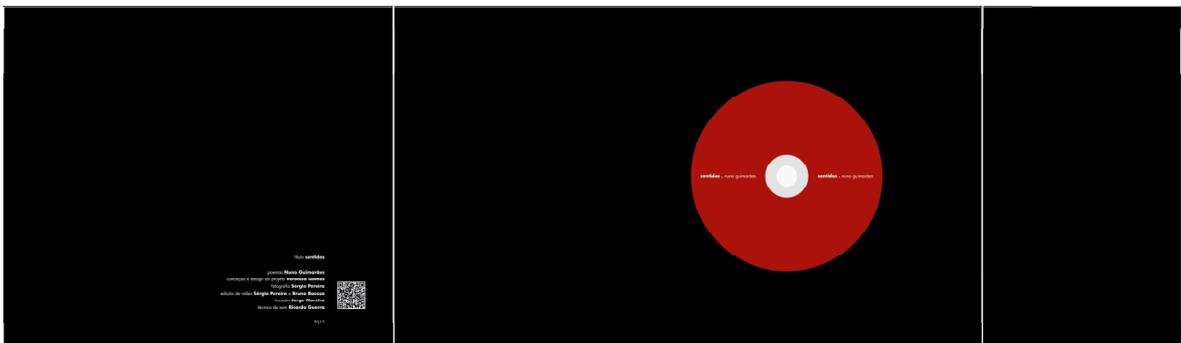


Figura 3- estrutura geral – sem livros e com CD-Audio



Figura 4 - imagem CD-Audio

A largura total da estrutura, quando aberta, deverá contabilizar duas vezes a largura do livro de fotografias (240 mm) e duas vezes a do livro de poemas (120mm) e somar também as lombadas (cerca de 7mm). A altura da estrutura é de 210mm.

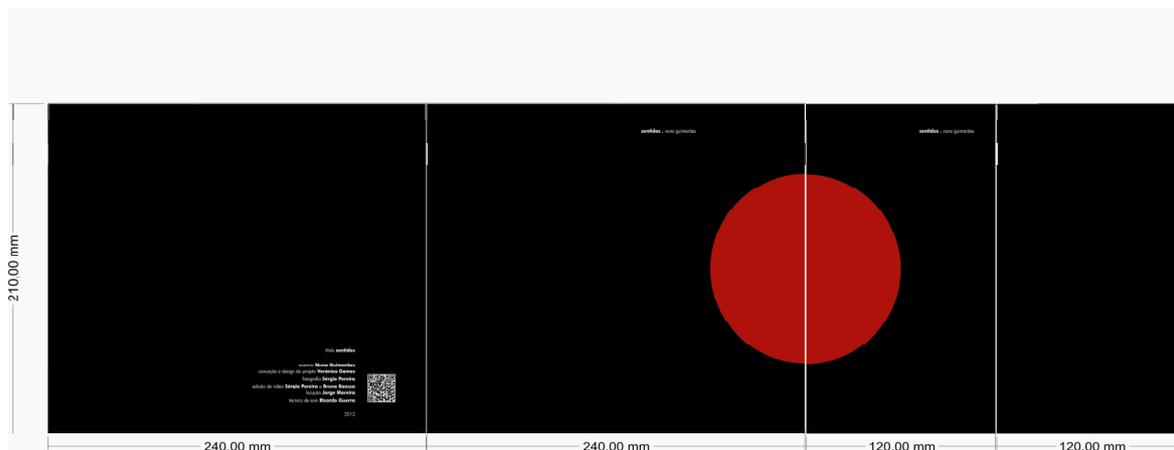


Figura 5 - estrutura geral - dimensões

3.4. Livro de fotografias e livro de poemas

Ambos os livros têm o mesmo número de páginas e o papel utilizado na capa e contracapa é o papel couché mate de 350gr e, para o miolo, o couché mate de 150gr.

O livro de fotografias, quando fechado tem o tamanho de 240x210mm, quando aberto passa a 480x210mm (largura x altura) o que permite “que o efeito «panorama» se intensifique” (HEITLINGER, 2012:13) e as imagens comuniquem mais intensamente.

O livro de poemas, por sua vez, de 120 x 210mm quando fechado passa para um tamanho de 240 x 210mm quando aberto. A apresentação do poema acontece do lado direito e, na folha do lado esquerdo, aparece o semicírculo preenchido com um pormenor da imagem (do livro de fotografias) correspondente ao poema em questão. Desta forma, é garantida a correta correspondência dos dois livros.

3.4.1. Livro de fotografias

Apresentam-se, agora, pela mesma ordem dos poemas, as imagens que integram o livro de fotografias.



Figura 6 - imagem do poema **o sopro do silêncio**



Figura 7 - imagem do poema **temporariamente**



Figura 8 - imagem do poema **madrugada**

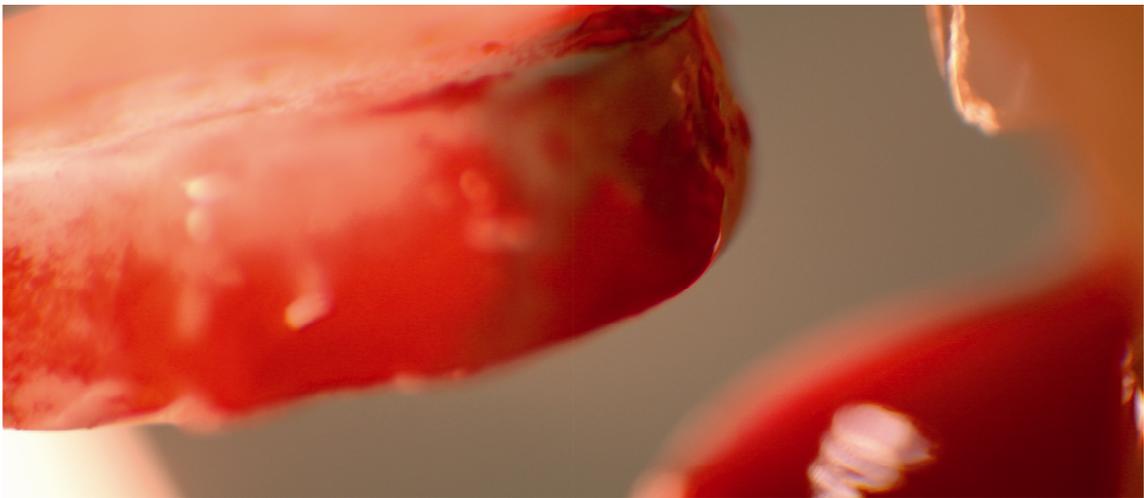


Figura 9 - imagem do poema **miúda de vermelho**

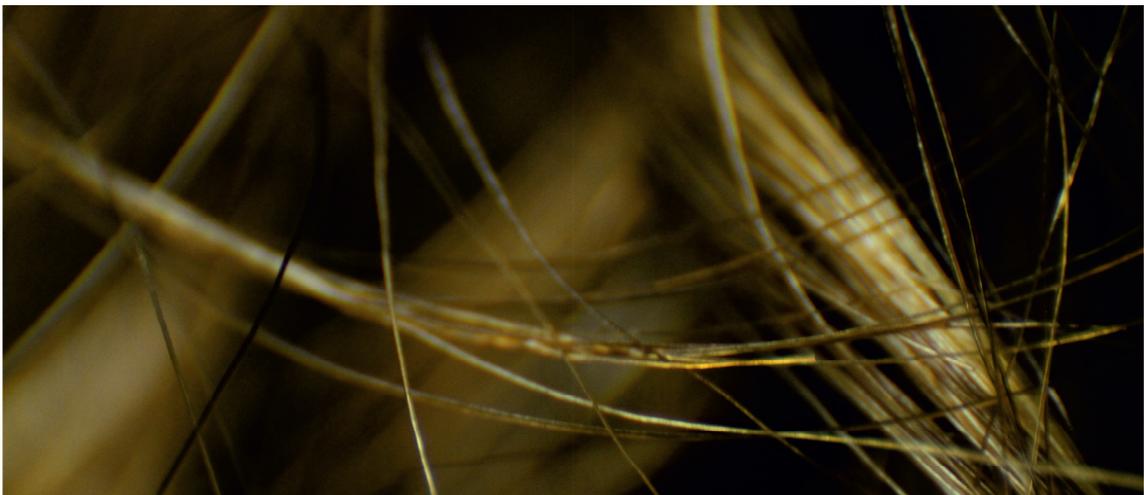


Figura 10 - imagem do poema **beijos-caramelo**



Figura 11 - imagem do poema **pés descalços**

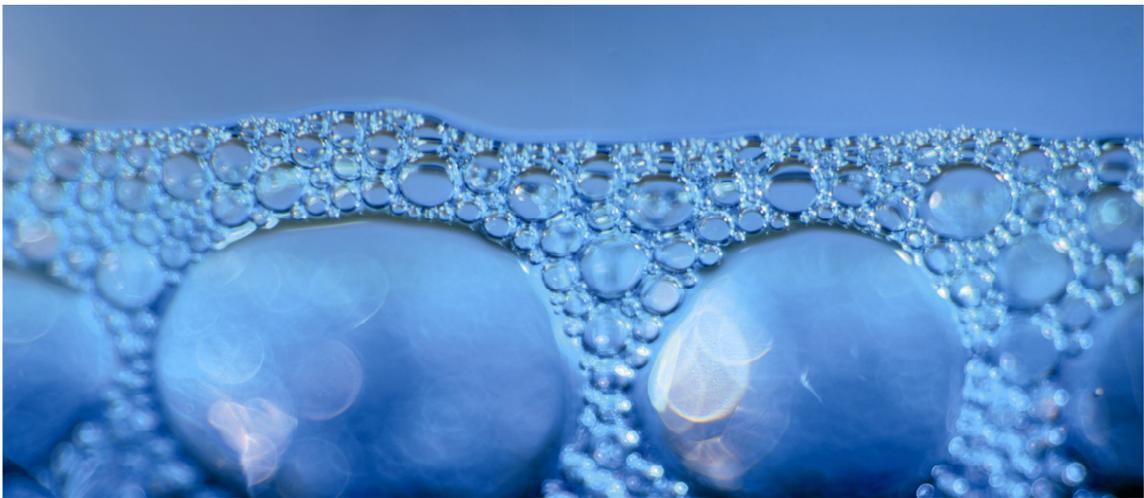


Figura 12 - imagem do poema **o infinitamente azul**

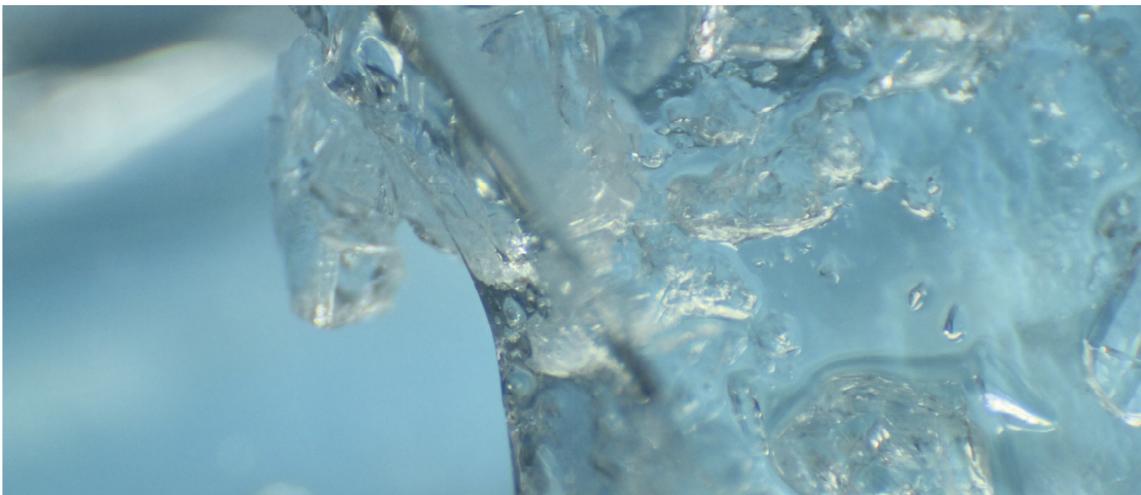


Figura 13 - imagem do poema **jantar**



Figura 14 - imagem do poema **beijo**



Figura 15 - imagem do poema **fio**

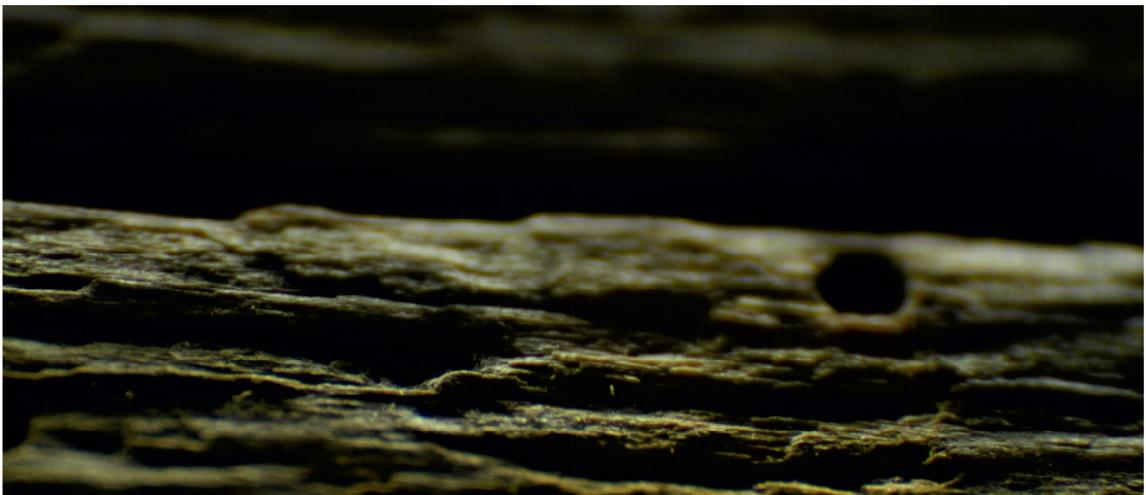


Figura 16 - imagem do poema **estou sentado**



Figura 17 - imagem do poema **mesmo proibido**

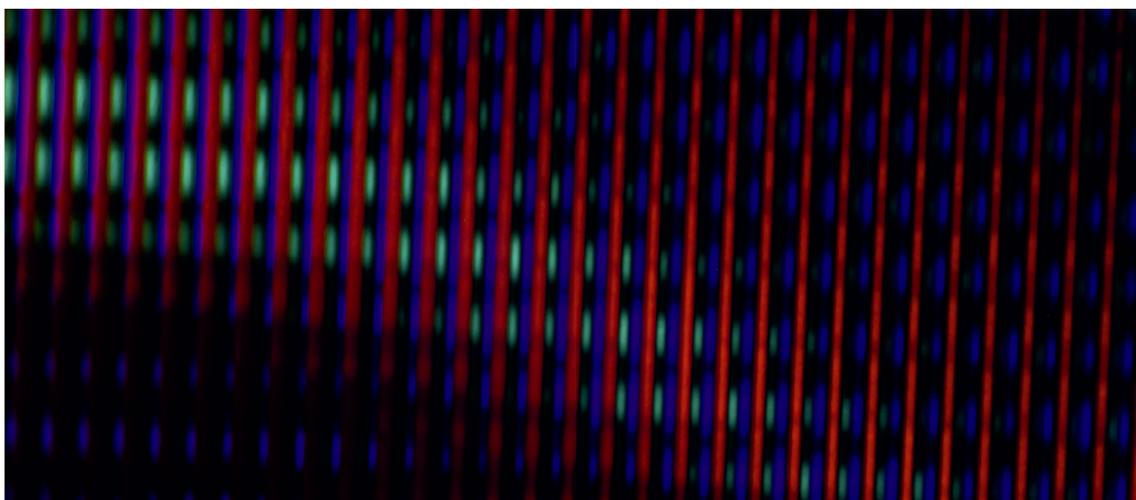


Figura 18 - imagem do poema **louco**

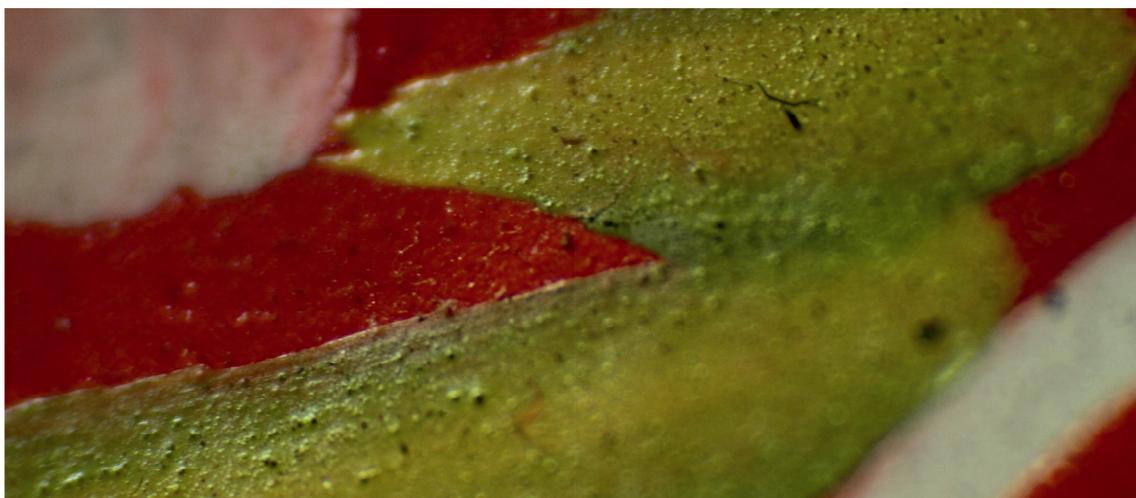


Figura 19 - imagem do poema **pintando a primavera**



Figura 20 - imagem do poema **cor-de-laranja**

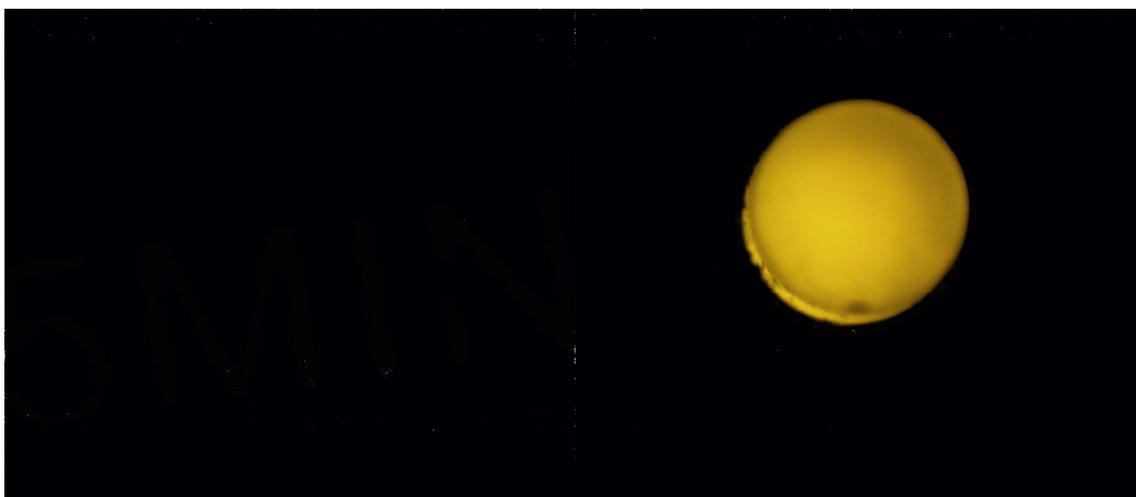


Figura 21 - imagem do poema **amarelo**

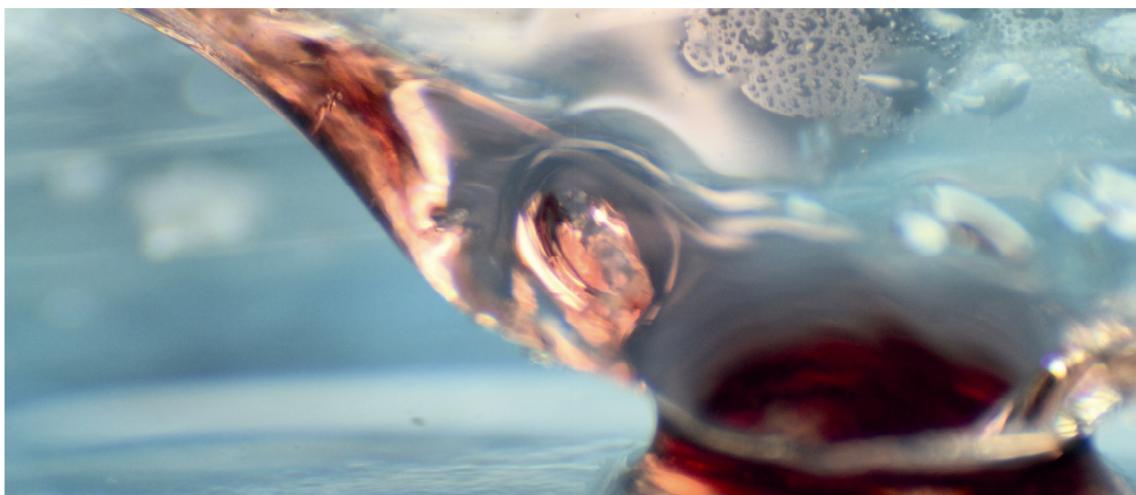


Figura 22 - imagem do poema **vermelho**



Figura 23 - imagem do poema **cinzento**

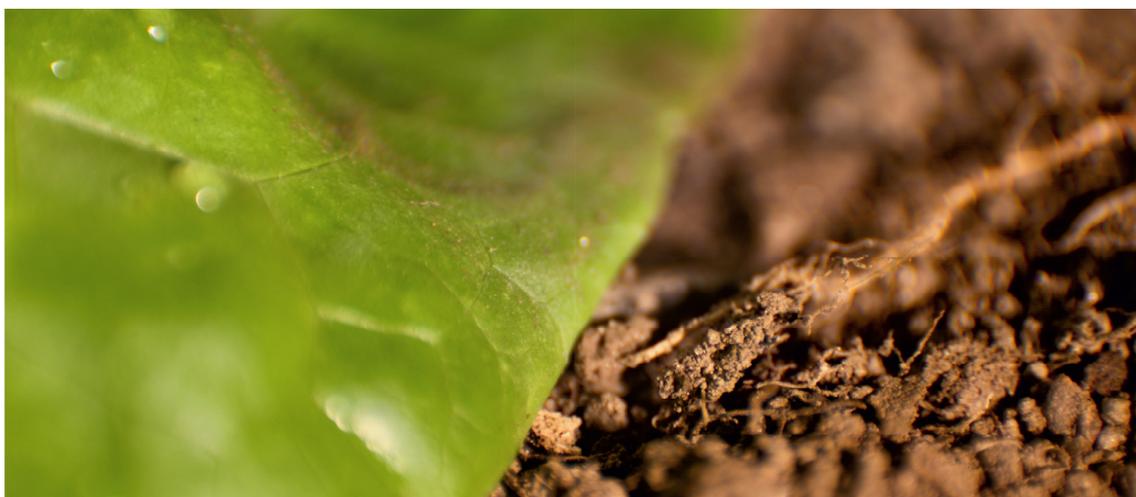


Figura 24 - imagem do poema **verde**



Figura 25 - imagem do poema **azul**

3.4.2. Livro de poemas

Como já foi referido anteriormente, o livro de poemas integra, para além do poema no lado direito, um pormenor da imagem (do livro de fotografias) correspondente ao poema em causa.



Figura 26 - poema o sopro do silêncio

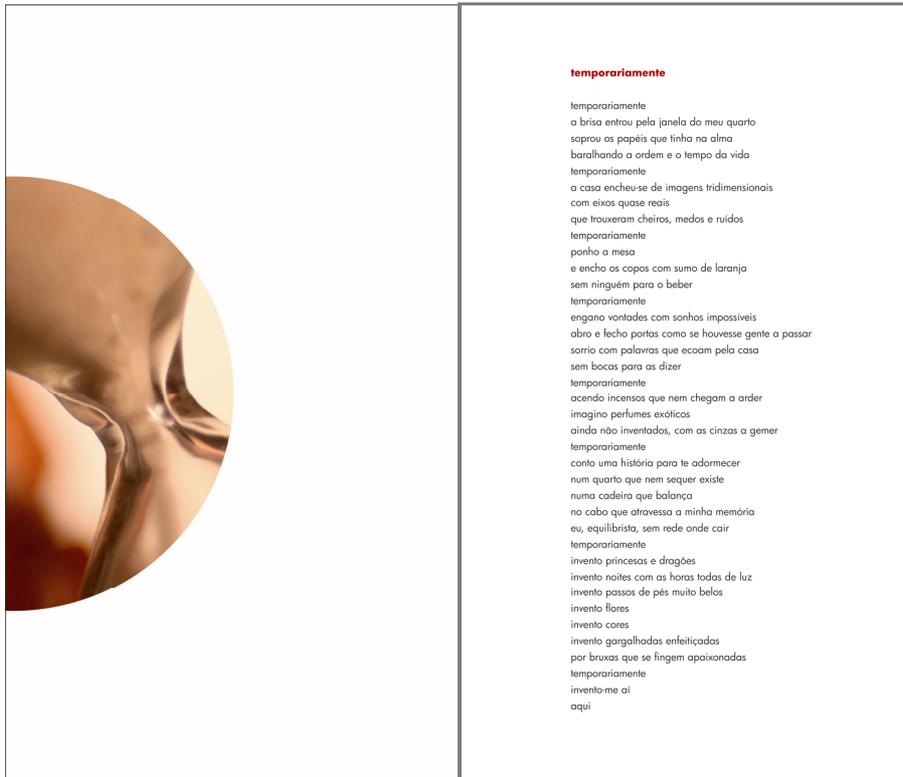


Figura 27 - poema temporariamente

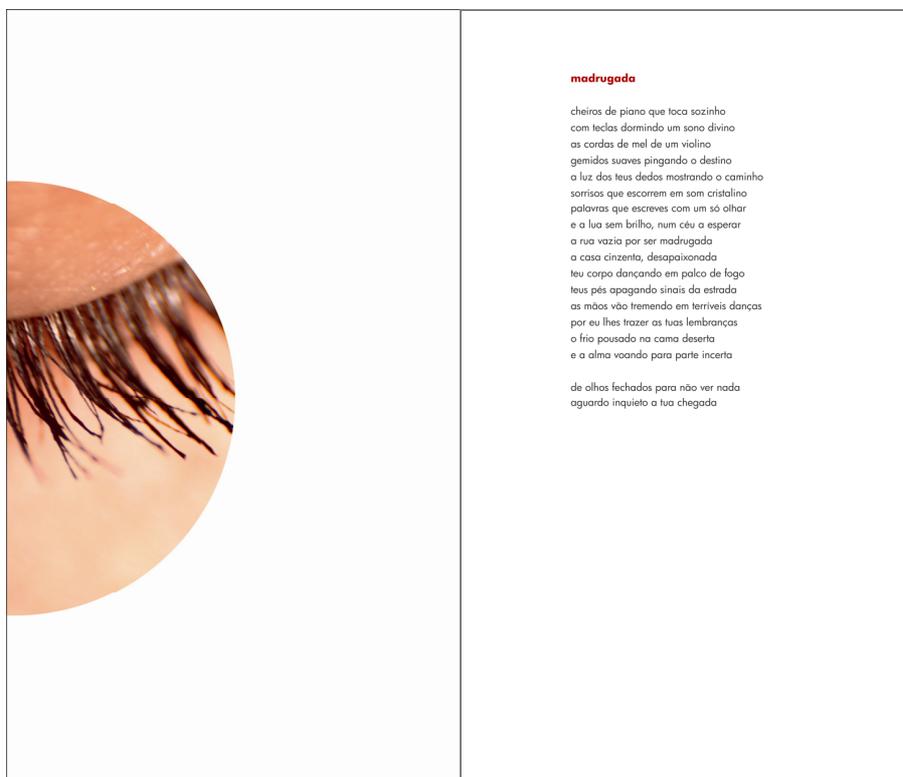


Figura 28 - poema madrugada



Figura 29 - poema miúda de vermelho

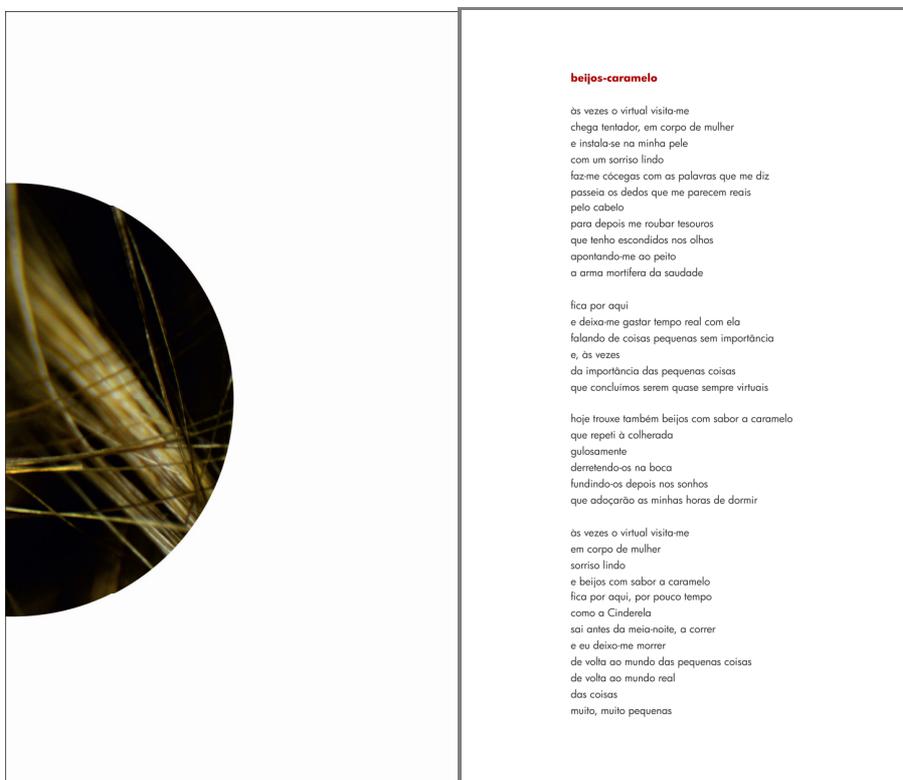


Figura 30 - poema beijos-caramelo



Figura 31 - poema pés descalços

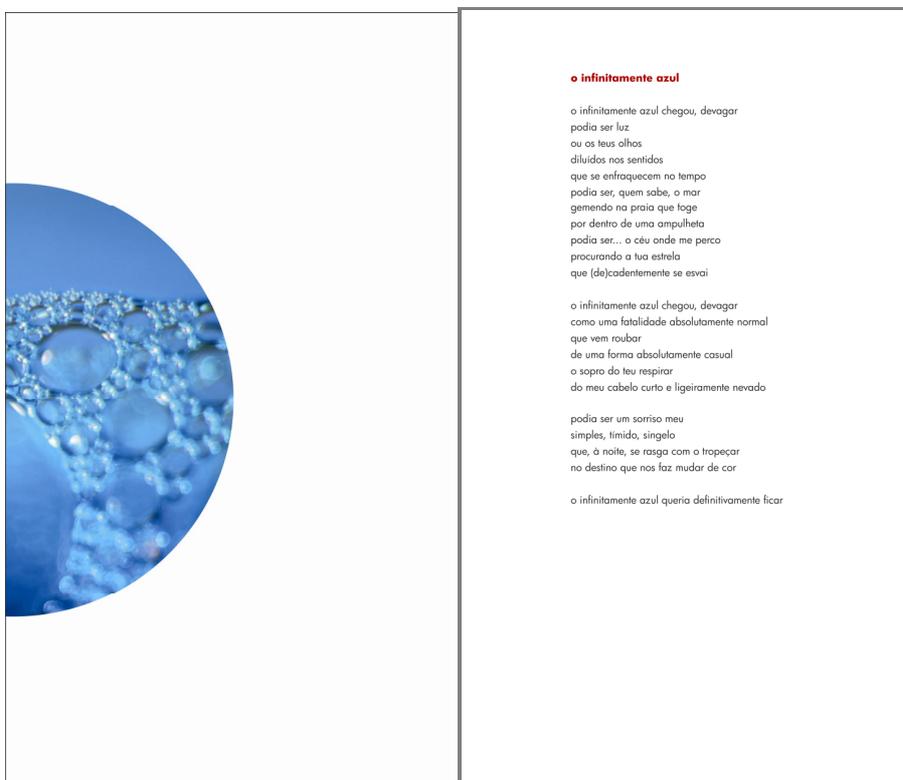


Figura 32 - poema o infinitamente azul

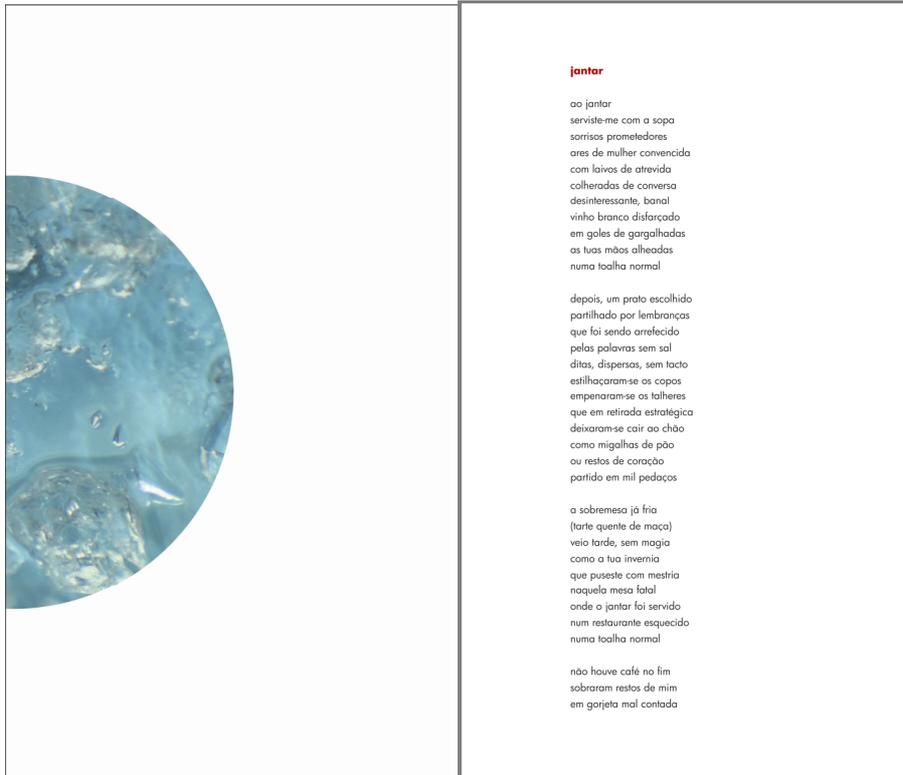


Figura 33 - poema jantar

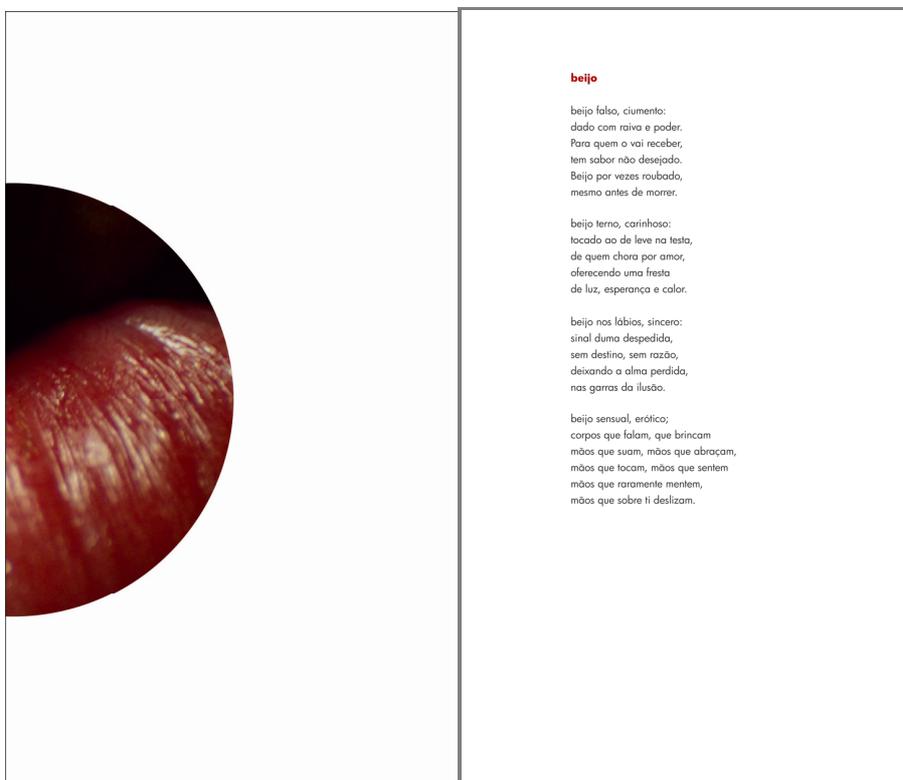


Figura 34 - poema beijo

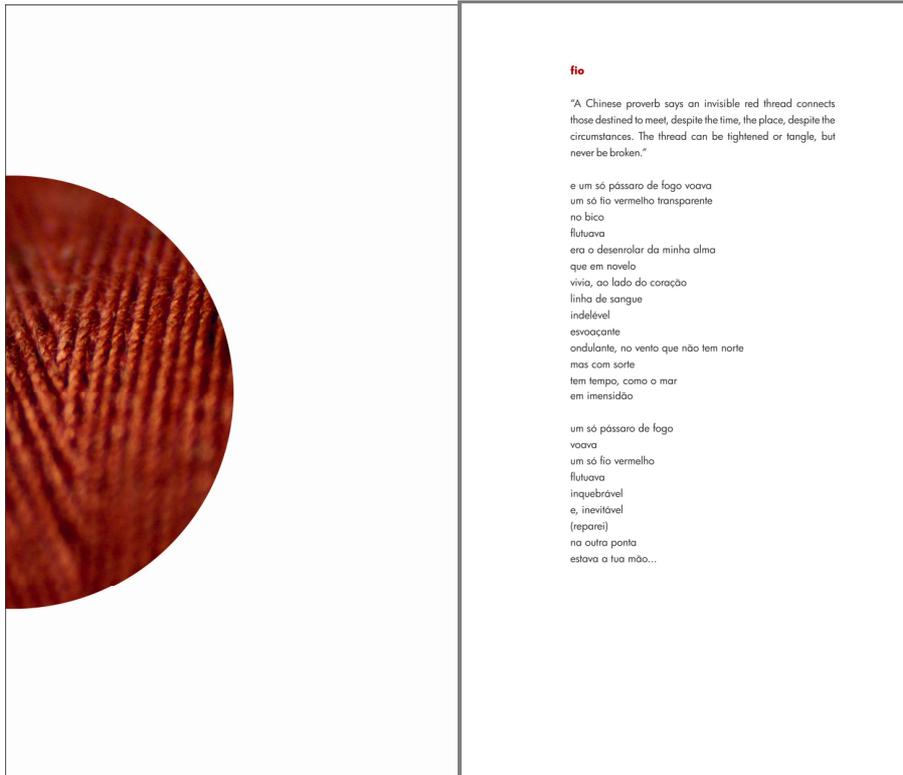


Figura 35 - poema fio

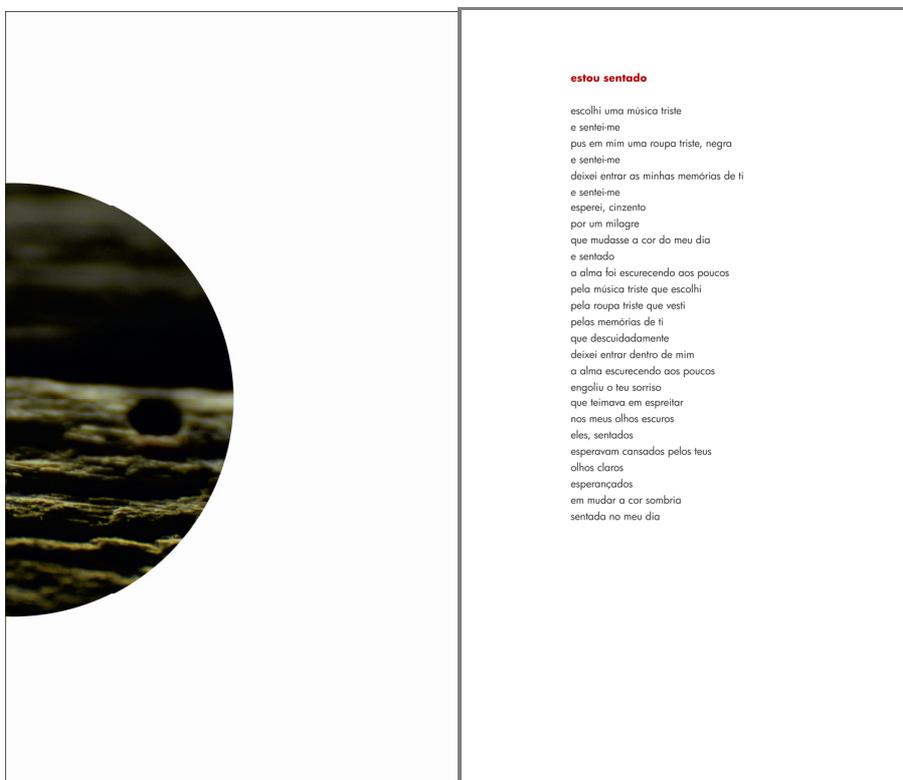


Figura 36 - poema estou sentado

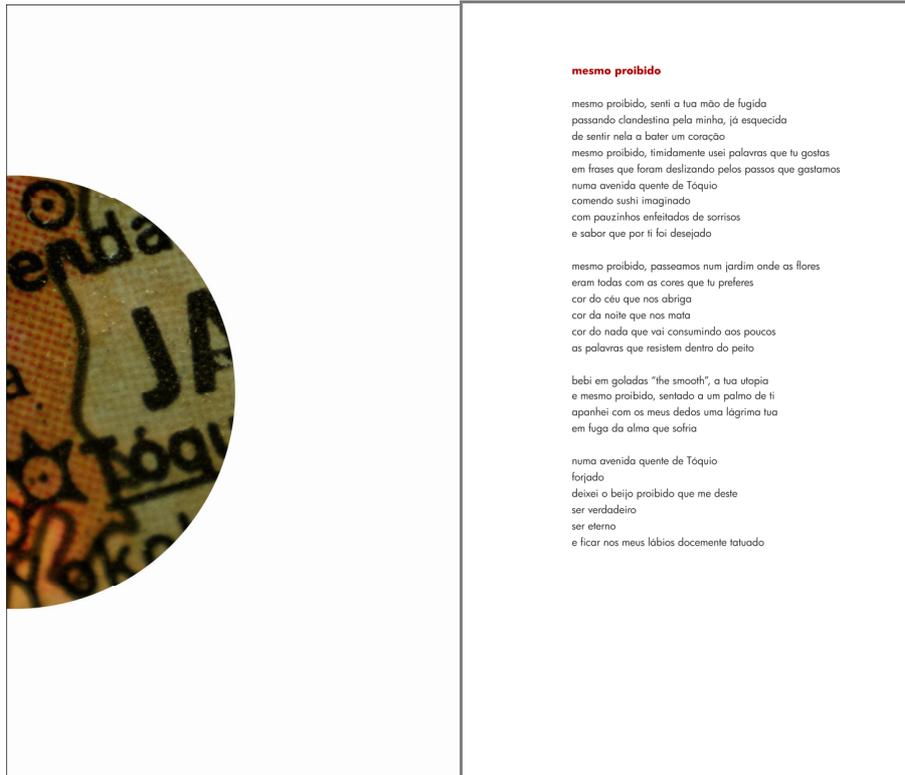


Figura 37 - poema mesmo proibido

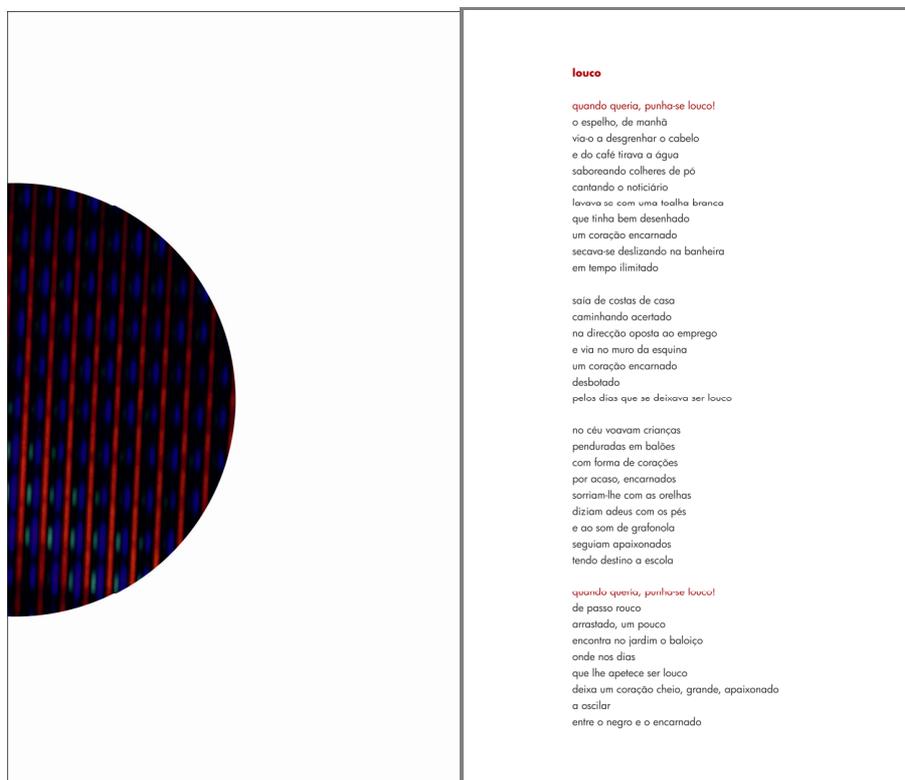


Figura 38 - poema louco

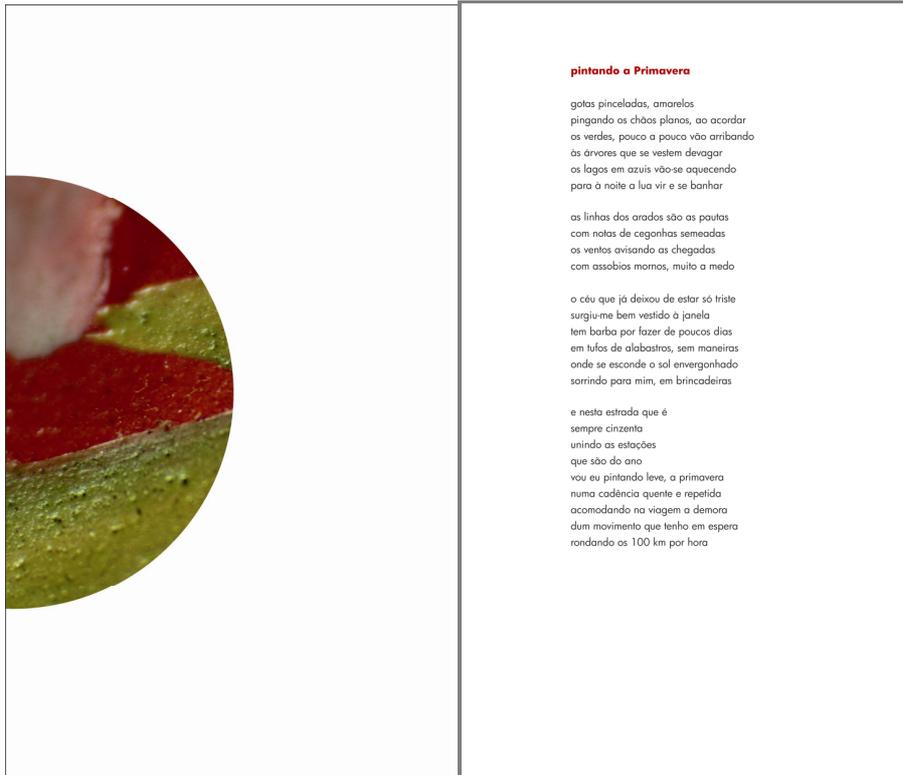


Figura 39 - poema pintando a primavera



Figura 40 - poema cor-de-laranja



Figura 41 - poema amarelo

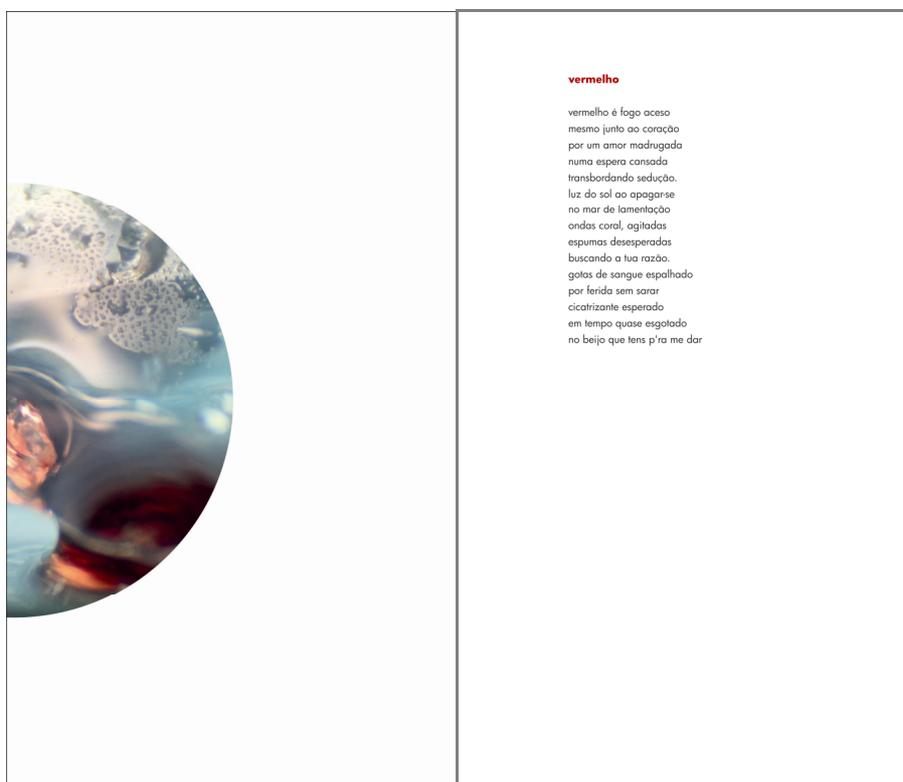


Figura 42 - poema vermelho



Figura 43 - poema cinzento

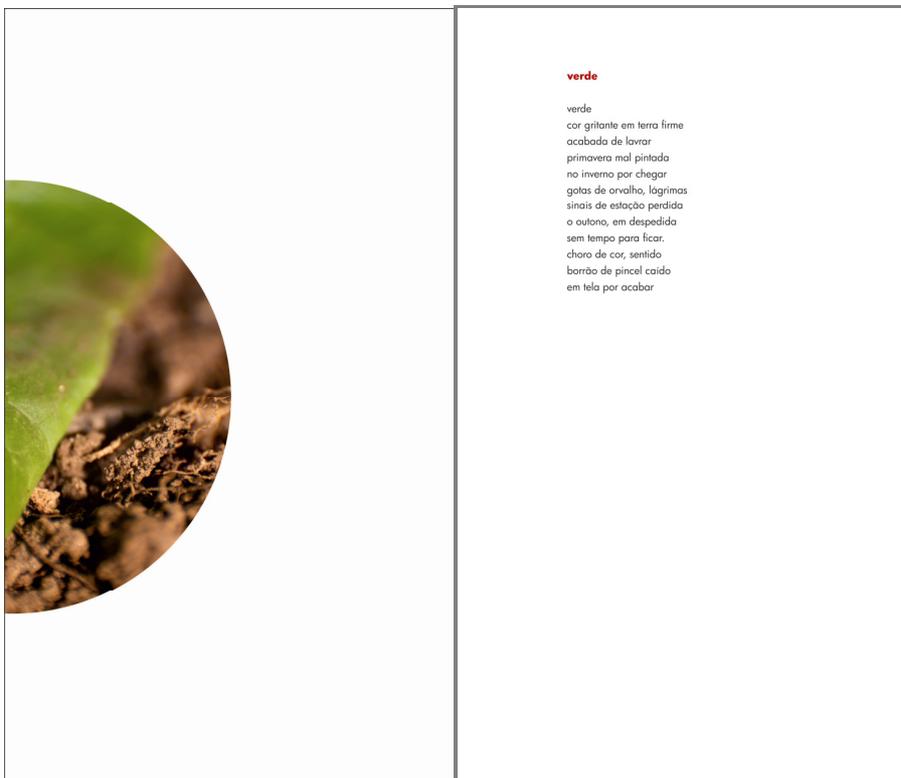
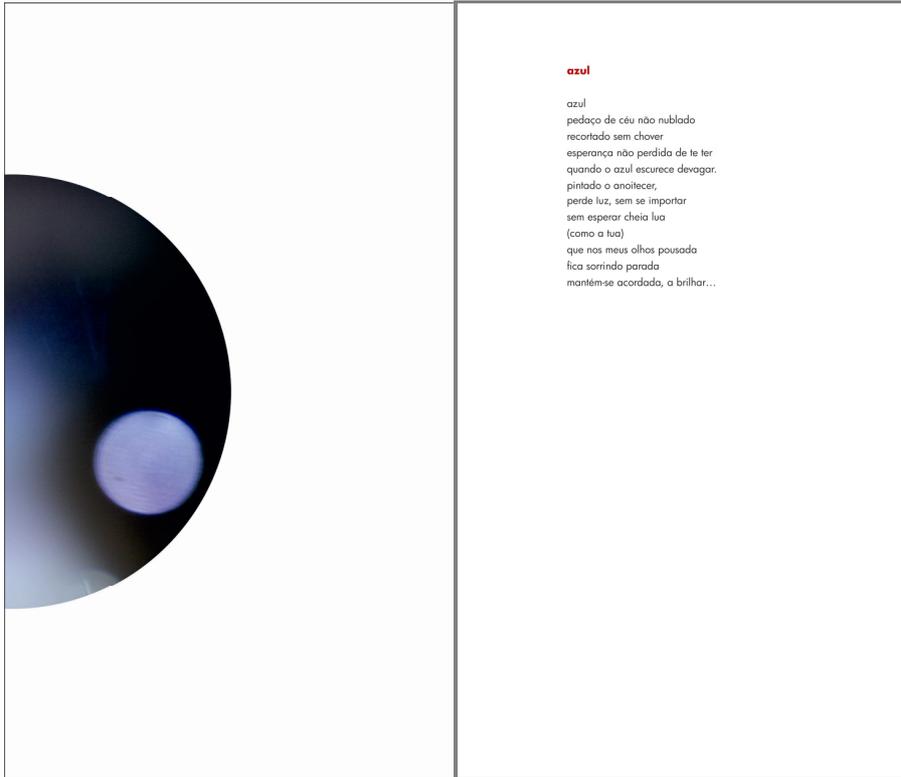


Figura 44 - poema verde



azul

azul
pedaço de céu não nublado
recordado sem chover
esperança não perdida de te ter
quando o azul escurece devagar.
pintado o anoitecer,
perde luz, sem se importar
sem esperar cheia lua
(como a tua)
que nos meus olhos pousada
fica sorrindo parada
mantém-se acordada, a brilhar...

Figura 45 - poema azul

4. Considerações Finais

No final da exposição de todo o processo de construção deste artefacto é necessário relembrar algumas notas que dizem respeito às dificuldades sentidas ao longo do projeto, às motivações e objetivos e também os potenciais desenvolvimentos futuros.

O acompanhamento e realização de todo o processo de elaboração de uma publicação constituiu uma experiência exigente, nomeadamente nos contactos com os agentes externos; editoras e gráficas.

A explicação do projeto, em toda a sua complexidade gráfica, em termos dos diferentes recursos disponibilizados e da exploração destes mesmos na interligação dos diferentes sentidos, foi um desafio difícil de gerir.

Quando nos preocupámos com a execução gráfica, o problema colocou-se ao nível da conceção física de um artefacto que não se enquadra nos parâmetros *standards* da produção editorial e, como tal, foram necessárias várias horas de conversação para explorar todas as alternativas que garantissem o cumprimento dos requisitos do projeto e não descurando a questão financeira da produção.

Houve ainda uma outra dificuldade, a da gestão do tempo. Retomar os estudos depois de um interregno de cerca de seis anos e integrar esta nova responsabilidade no tempo que tinha disponível foi muito desafiante e pôs à prova as minhas capacidades de organização, gestão, dedicação e automotivação.

Na verdade, o propósito de concretizar uma publicação, diferente, na sua estrutura e conceção, completa nos diversos recursos disponibilizados e com um design singular, aliado ao entusiasmo de ter o privilégio de dar visibilidade à escrita de Nuno Guimarães, foram as grandes motivações para este projeto.

Relativamente ao futuro, gostaria muito de ver acordadas as negociações com a editora com quem tenho vindo a conversar e de ver este livro / artefacto artístico publicado.

Considero, ainda, que a forma como o projeto está construído facilmente poderá ser adaptado e traduzido para uma língua diferente da original, sem perda da sua essência e sem o desvirtuar.

5. Referências bibliográficas

BAINES, Phil; HASLAM, Andrew - *Type & typography*. 2ª Edição. New York (NY): Watson-Guptill Publications, 2005.

BARBOSA, Conceição – *Manual Prático de Produção Gráfica*. Lisboa: Principia, Publicações Universitárias e Científicas, 2004.

CARVALHO, José Gonçalo Herculano de - *Teoria da linguagem : natureza do fenómeno linguístico e análise das línguas*. Coimbra: Atlântida, 1979

DONDIS, Donis. A. (tradução Jefferson Luiz Camargo) - *Sintaxe da Linguagem Visual*. 2ª Edição. São Paulo Martins Fontes, 1997.

FURTADO, José Afonso - *O Livro*. Lisboa: Difusão Cultural, 1995.

_____ - *Os Livros e as Leituras - Novas Ecologias da Informação*. Lisboa: Livros e Leituras, 2000.

_____ - *O Papel e o Pixel – Do impresso ao digital: continuidades e transformações*. Lisboa: Ariadne, 2007.

HEITLINGER, Paulo, *Tipografia: origens, forma e uso das letras*. Lisboa: Dinalivro, 2006.

_____ a - *Layout - Design Editorial, Boas Práticas de Composição e Regras Tipográficas* [Em linha]. 2012, 370. [Consult. 01-outubro2012]. Disponível em <http://tipografos.net/ebooks/LayoutDesigneditorial-20-b.pdf>.

_____ b - *Tipos&Fontes - Typeface Design, caligráfico e tipográfico* [Em linha]. 2012, 420. [Consult. 01-outubro2012]. Disponível em <http://tipografos.net/ebooks/tipos-e-fontes.html>.

HOCHULI, Jost; KINROSS, Robin – *Designing Books: Practice and Theory*. London: Hyphen Press, 2007.

KANE, John - *Manual de tipografia*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

LUPTON, Ellen – *Thinking With Type – a critical guide for designers, writers, editors & students*. New York: Princeton Architectural Press, 2004.

_____ ; MILLER, J. Abbott - *The ABC's of [triangle square circle] : the Bauhaus and design theory* . New York (NY): The Cooper Union for the Advancement of Science and Art, 1999.

_____ ; PHILLIPS, Jennifer Cole - *Graphic design: the new basics*. New York (NY): Princeton Architectural Press, 2008.

_____ ; STOLARSKI, André (trad.) - *Pensar em tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

LOPES, Maria da Conceição de Oliveira - *Comunicação humana, contributo para a busca dos sentidos do Humano*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2004

_____ - *Ludicidade humana, contributo para a busca dos sentidos do Humano*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2004

SILVA, Ana Miriam Duarte Reis da - *Um livro vivo : transposição para a web do livro para crianças Histórias de pretos e de branco. Dissertação de Mestrado em Design*, Universidade de Aveiro, 2010.

SIMÕES, Edda Augusta Quirino; TIEDEMANN, Klaus Bruno -*Psicologia da Percepção*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1955.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don D. - *Pragmatics of human communication*. New York: W. W. Norton, 1967.

ZAPPATERRA, Yolanda – *Typography*. Crans-Près-Céligny: RotoVision, 2000.

_____ – *Editorial Design*. London: Laurence King Publishing, Central Saint Martins College of Art & Design, 2007.

6. anexos

Biografia completa de Nuno Guimarães

Nuno Guimarães nasceu em Moçambique em 1960. Aos 10 anos mudou-se para a cidade do Porto onde fez todo o seu percurso académico tendo obtido a licenciatura em Engenharia Civil na universidade daquela cidade.

Ainda na cidade do Porto esteve ligado a alguns projetos culturais tendo também colaborado com o jornal *Primeiro de Janeiro* e com a Rádio Clube de Matosinhos. Em 1998 publica, em edição de autor, o seu primeiro livro *Encontros, Desencontros e Contradições*.

Em 2006 abandona por completo a engenharia e passa a exercer funções de leitor de Português nas Universidades de Vilnius e Vytautas Magnus de Kaunas, ambas na Lituânia. Simultaneamente assessoria a Embaixada de Portugal na Lituânia, sendo o responsável pela programação cultural portuguesa naquele país (concertos, conferências, teatro, cinema, etc) e curador de várias exposições ali realizadas.

O seu afastamento de Portugal provoca em Nuno Guimarães uma grande necessidade de escrever, colocando na sua poesia a saudade, os conflitos de alma, e as vivências de alguém que vive sempre entre viagens.

Depois de um grande interregno de publicações, em novembro de 2009 surge o livro *rio que corre indiferente* (Temas Originais). Também neste ano de 2009 foi convidado a representar Portugal no Festival Internacional de Poesia da Primavera, na Lituânia. Este Festival produziu uma antologia, *Poezijos Pavasaris 2010*, com 176 poemas de vários autores lituanos e de um autor de cada um dos seguintes países: Rússia, Síria, Geórgia, Polónia, Letónia, República Checa e Portugal, com três poemas de Nuno Guimarães traduzidos para lituano.

Em março de 2010 publica o livro *chei(r)os de palavras* (Corpos Editora).

Em novembro de 2010 é publicado o primeiro livro de poesia bilingue Português – Lituano, da história da literatura dos dois países. Com o título *vieniš(um)as - solidão* (Naujoji Romuva), este livro resulta de um projeto desenvolvido em colaboração com duas estudantes lituanas de Português, Giedrė Šadeikaitė e

Irma Vitukynaitė, que interpretaram e traduziram 30 dos seus poemas para lituano.

Para além do lituano, possui também poemas traduzidos para inglês, francês, russo, polaco e bielorrusso.

Em maio de 2011 é editado o livro *por eu me lembrar de ti* (Corpos Editora).

Em dezembro de 2012, sai o seu último livro. uma parceria com a escultora Maria Leal da Costa e com o fotógrafo António Frazão. Trata-se de um livro em Português / Lituano / Inglês baseado na interpretação poética das esculturas de Maria que se intitula *Voar / Skristi / Fly*.

Nuno Guimarães é também o responsável pelo projeto “Poezijos Signalai”, iniciado em 2010, uma atividade que leva à Lituânia a tradição das tertúlias de poesia portuguesas e através do qual se pretende divulgar a poesia dos dois países. Este programa possibilitou a um número significativo de poetas de ambos os países ter já poemas traduzidos nas duas línguas e em breve dará origem a uma antologia que compilará todo o trabalho realizado.

A partir de fevereiro de 2012, depois de decidido o encerramento da Embaixada de Portugal na Lituânia, Nuno Guimarães continuou no país permanecendo ligado às universidades onde leciona e organizando a divulgação e promoção da cultura Portuguesa e Lusófona naquele país do Báltico.

<http://works-ng.blogspot.pt/p/nota-biografica.html>